

BOLETIM AGROPECUÁRIO

Agosto/2017 – Nº 51





Governador do Estado
João Raimundo Colombo

Vice-Governador do Estado
Eduardo Pinho Moreira

Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca
Moacir Sopelsa

Presidente da Epagri
Luiz Ademir Hessmann

Diretores

Ivan Luiz Zilli Bacic
Desenvolvimento Institucional

Jorge Luiz Malburg
Administração e Finanças

Luiz Antônio Palladini
Ciência, Tecnologia e Inovação

Paulo Roberto Lisboa Arruda
Extensão Rural

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)
Reny Dorow



Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl

João Rogério Alves

Jurandi Teodoro Gugel

Haroldo Tavares Elias

Rogério Goulart Junior

Tabajara Marcondes



Florianópolis

2017

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5000
Site: www.epagri.sc.gov.br
E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5078
Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>
E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação

Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Elaboração

Alexandre Luís Giehl – Epagri/Cepa
João Rogério Alves – Epagri/Cepa
Haroldo Tavares Elias – Epagri/Cepa
Jurandi Teodoro Gugel – Epagri/Cepa
Luis Augusto Araujo – Epagri/Cepa
Rogério Goulart Junior – Epagri/Cepa
Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Colaboração:

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)
Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa
Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)
Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)
Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)
Janice Waintuch Reiter – Epagri/Cepa
João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)
Marcia Mondardo – Epagri/Cepa
Mauricio E. Mafra – Ceasa/SC
Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)
Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa
Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9)
Wilian Ricce – Epagri/Ciram

Revisão textual:

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Apresentação

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário on-line. Ele reúne, em um único documento, as informações conjunturais dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina. Anteriormente, a publicação era editada por produto.

O objetivo deste documento é apresentar de forma sucinta as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende transformar-se em uma ferramenta capaz de auxiliar o produtor rural a vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <http://www.cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Luiz Ademir Hessmann

Presidente da Epagri

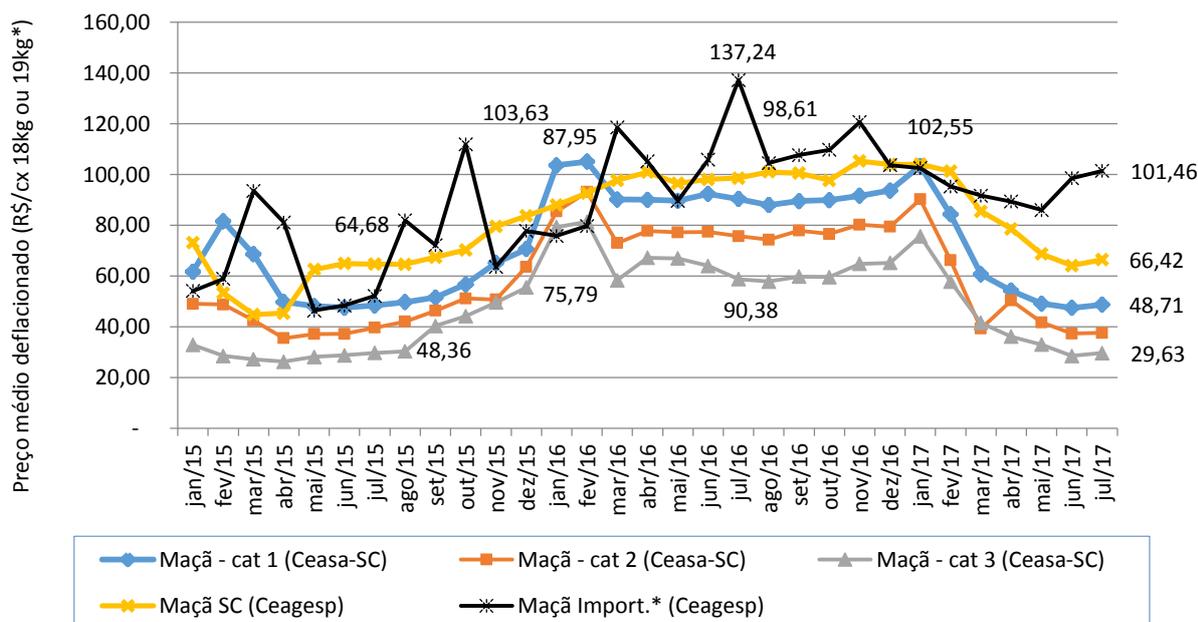
Sumário

Fruticultura	7
Maçã	7
Grãos	9
Arroz	9
Feijão	12
Milho.....	16
Soja	22
Trigo.....	26
Hortaliças	29
Alho.....	29
Cebola	32
Pecuária	36
Avicultura.....	36
Bovinocultura	41
Suinocultura.....	45
Leite	51

Fruticultura

Maçã

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br



(*) Cat. 1, 2 e 3 = classificação vegetal para maçã referente à Instrução Normativa n.5 de 2006 do Mapa.

Nota: preço deflacionado pelo IGP-DI (jul./2017=100).

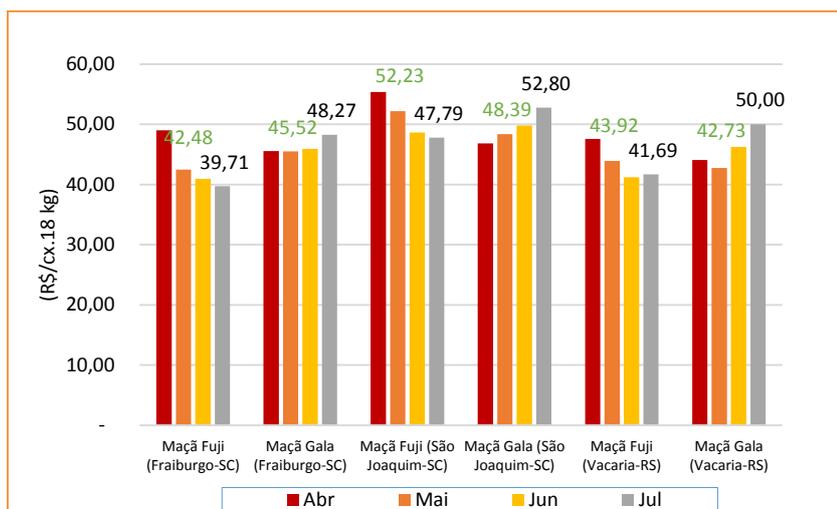
Fonte: Epagri/Cepa e Ceagesp.

Maçã – Evolução do preço médio mensal no atacado

Em julho de 2017, nas principais centrais de abastecimento de SC e SP os preços deflacionados da maçã mantiveram a tendência das cotações de 2015. Na Ceasa/SC os preços da maçã estão desvalorizados em relação a julho de 2015 em 5,2% e 0,3% para as categorias 2 e 3, respectivamente. Mas, houve aumento de 0,7% em relação a maçã cat.1, no mesmo período. Depois da alta dos preços na safra 2015/16, devido a baixa oferta da fruta, as cotações já reduziram mais de 46% na central catarinense.

Na Ceagesp, a maçã catarinense está com cotação 2,7% superior a de julho de 2015 e menor em 33% o preço praticado no mesmo mês em 2016. Já a maçã importada está com o preço 94,5% maior que o valor negociado em 2015 e 26% abaixo do preço de 2016. Na relação entre a fruta nacional e importada, a maçã (principalmente chilena) negociada no entreposto paulista está com cotação 53% maior que a da fruta brasileira para julho deste ano.

Com a maior oferta de maçã Gala e a qualidade melhor das frutas na safra 2016/17 a tendência é antecipar a comercialização das frutas em AC, escoando a maçã Gala miúda com preços melhores (10% maiores entre junho e julho) e demanda mais atrativas após o período de férias escolares; como também, direcionar a maçã Fuji graúda para a exportação aos países do Mercosul, principalmente à Argentina, país consumidor que passa por problemas de abastecimento da fruta no seu mercado interno.

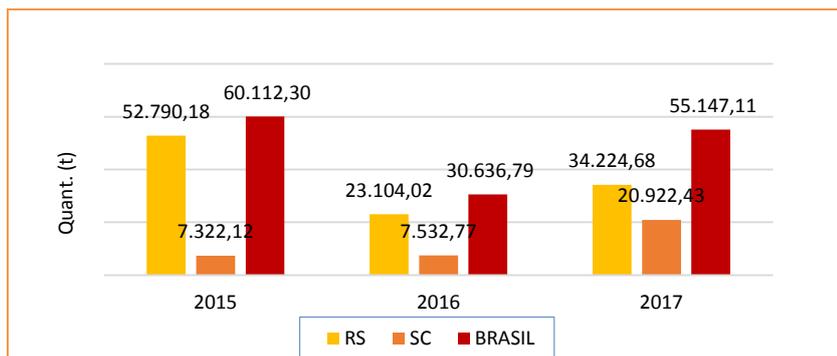


Nota: Maçã (cat.1) graúda embalada.

Fonte: Epagri/Cepa e Cepea/Esalq/USP.

Maçã – Preço médio ao produtor nas praças de SC e RS

nos próximos meses. Em Vacaria, a estratégia é a comercialização da maçã Gala para escoar a grande oferta dessa cultivar na safra 2016/17, garantindo o aumento nos preços.



Fonte: Aliceweb/Secex/MDIC.

Maçã – Quantidade exportada (t) por Estado – 2015 a 2017

da maçã catarinense foi superior 14% à cotação da fruta gaúcha e 9% maior que o preço médio nacional da fruta exportada.

Em Fraiburgo, há aumento de 5% na cotação da maçã Gala, entre junho e julho, devido ao aumento da demanda com o início das aulas. Já foi iniciada a poda de inverno para estimular o crescimento e proteger as plantas de problemas fitossanitários durante o período de dormência.

Em São Joaquim, o preço da maçã Gala está 6% maior que o de junho, devido a comercialização da cultivar estocada de calibre menor (cat.2 e cat.3) para atender a demanda. As maçãs Fuji e Gala cat.1 classificadas estão sendo direcionadas para a exportação, como forma de reduzir estoque e garantir melhores cotações

Em 2017, a exportação de maçã apresentou uma recuperação de 80% com relação a quantidade negociada na safra 2015/16. Santa Catarina representou 35% do valor exportado nacional (US\$ 41,6 milhões – FOB), com aumento de 178% na quantidade catarinense exportada de 2016. As cotações da fruta foram cerca de 30% menores que às de 2016 e 5% menores que às de 2015. O preço estimado de R\$ 87,18 a caixa de 19kg

Maçã – Comparativo entre as estimativas da safra 2016/17 – Santa Catarina

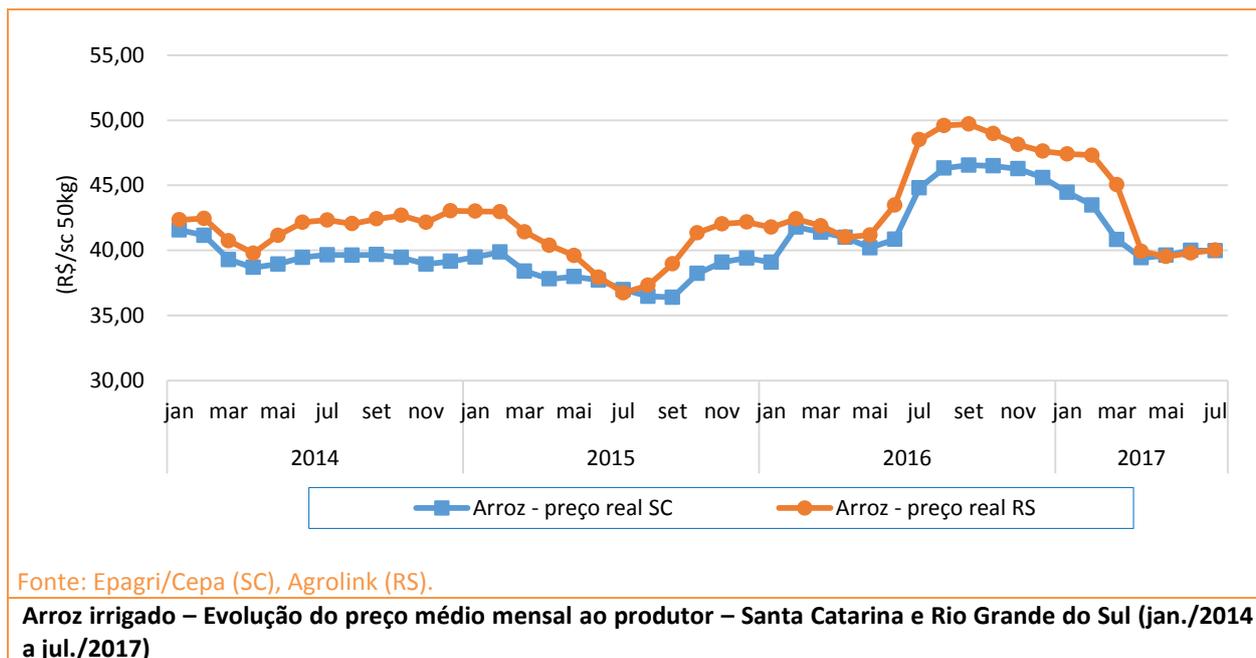
Principais MRG com cultivo de maçã	Estimativa inicial 2016/17 (Epagri/Cepa)			Estimativa final 2016/17 (Epagri/Cepa)			Variação %		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg.ha ⁻¹)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg.ha ⁻¹)	Área colhida	Produção	Rend. médio
Joaçaba	3.287	128.829	39.193	3.287	131.529	40.015	0,00	2,10	2,10
Canoinhas	159	4.558	28.667	159	4.558	28.667	0,00	0,00	0,00
Curitibanos	1.008	38.682	38.375	1.008	39.162	38.851	0,00	1,24	1,24
Campos de Lages	11.963	419.187	35.040	11.962	405.839	33.927	-0,01	-3,18	-3,18
Outras	6	37	6.167	6	37	6.167	0,00	0,00	-0,01
Total	16.423	591.293	36.004	16.422	581.126	35.387	-0,01	-1,72	-1,71

Fonte: Epagri/Cepa.

Grãos

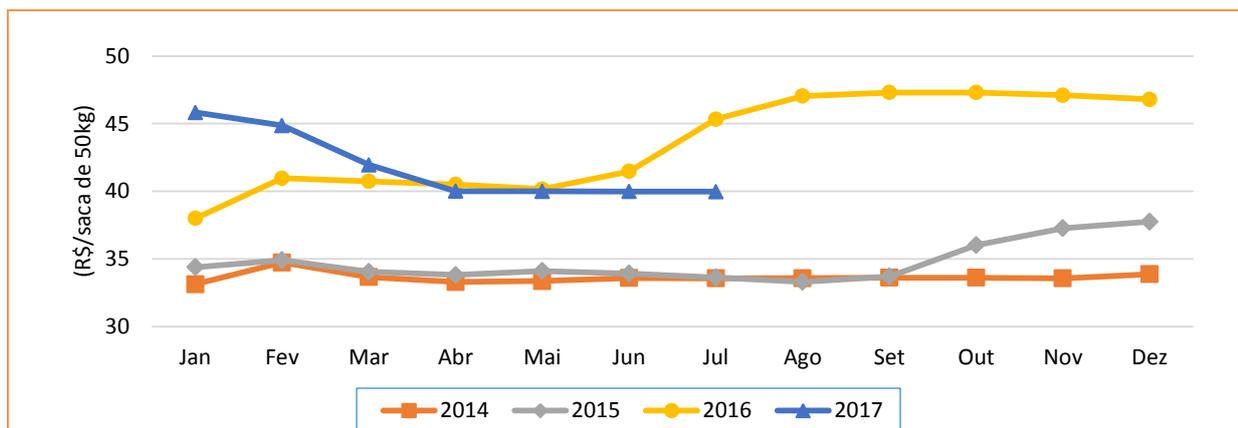
Arroz

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br



Em Santa Catarina, o preço pago pela saca de 50kg de arroz irrigado em casca permaneceu estável no mês de julho, com discreto viés de baixa. No Rio Grande do Sul a cotação do grão também segue estável, com pequena alta de 0,5%, passado de R\$ 39,80 para R\$ 40,00 a saca de 50kg. O mercado de arroz continua fraco nos principais estados produtores, as indústria de beneficiamento tem optado por adquirir produto depositados em cerealistas, em detrimento da compra de produtores, fazendo que o preço fique estável. Nesse cenário, muitos produtores têm optado por segurar sua produção, comercializando apenas o suficiente para saldar seus compromissos financeiros e antecipar a compra de insumos para a próxima safra. Por outro lado, a agroindústria tem relatado as dificuldades de negociação com distribuidores atacadistas e varejistas que estão comprando menos em função da retração no consumo.

Com preços pagos ao produtor inferiores ao custo de produção, a safra 2016/17 será marcada por excelentes ganhos em produção e rendimento, mas com baixa rentabilidade para o produtor. Muitos produtores não tem o que comemorar, a cada safra produtores vem se descapitalizando, a cultura do arroz exige máquinas caras, os arrendamentos são inflacionados, os insumos são reajustados pela variação do dólar e a todo momento mais investimentos são necessários. Cada vez mais o produtor de arroz tem que ter um bom planejamento da safra que pretende plantar para não ter surpresas ao final.



Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz irrigado – Evolução do preço nominal ao longo dos meses – Santa Catarina (2014-17)

Desde abril deste ano os preços pagos ao produtor pela saca de 50kg de arroz irrigado passaram a ser menor do que os valores praticados no ano passado, de janeiro a julho de 2017 a queda nos preços da saca já chegou a 12,8%. Para os próximos meses a expectativa é de que os preços voltem a reagir, essa reação está atrelada a recuperação econômica, com a retomada do consumo e a estabilidade cambial.

Arroz Irrigado – Histórico das condições hídricas gerais e impactos nas diferentes fases da cultura

Mesorregiões	Arroz											
	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Norte Catarinense	M	M/C	C						P	P/G	G/DV	DV/F
Vale do Itajaí	M	M/C	C						P	P/G	G/DV	DV/F
Sul Catarinense	M	M/C	C						P	P/G	G/DV	DV/F

Legenda:

Média Restrição (falta de Chuva)

Favorável

(P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (M)=maturação; HA=colheita.

Fonte: Conab.

A cultura do arroz irrigado tem seu período de plantio preferencial nos meses de setembro e outubro, mas a campo, observamos que nas Regiões Sul e Norte do Estado as máquinas já estão com os serviços de preparo de solo para plantio bastante adiantados. Segundo o histórico de condições hídricas, em praticamente todos os meses do ano nas diferentes fases de desenvolvimento da cultura e por se tratar de uma cultura irrigada, não há problemas com restrição hídrica, com ressalva para regiões com problemas de abastecimento de água em períodos de estiagem.

Arroz irrigado – Comparativo da safra 2015/16 e safra 2016/17 – Santa Catarina									
Microrregião	Safra 2015/16			Safra 2016/17 (estimativa final)			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	51.454	364.913	7.092	51.730	401.179	7.755	0,54	9,94	9,35
Blumenau	8.208	65.441	7.973	8.379	72.962	8.708	2,08	11,49	9,21
Criciúma	20.625	148.165	7.184	20.857	167.558	8.034	1,12	13,09	11,83
Florianópolis	2.895	16.336	5.643	3.095	17.336	5.601	6,91	6,12	-0,74
Itajaí	9.088	59.997	6.602	9.261	76.190	8.227	1,90	26,99	24,61
Ituporanga	259	1.554	6.000	269	2.152	8.000	3,86	38,48	33,33
Joinville	19.655	126.509	6.436	20.036	167.916	8.381	1,94	32,73	30,22
Rio do Sul	10.684	77.324	7.237	10.759	89.384	8.308	0,70	15,60	14,80
Tabuleiro	125	1.050	8.400	146	1.238	8.479	16,80	17,90	0,95
Tijucas	2.690	20.300	7.546	2.690	20.300	7.546	0,00	0,00	0,01
Tubarão	21.025	158.508	7.539	21.094	160.020	7.586	0,33	0,95	0,62
Santa Catarina	146.708	1.040.097	7.090	148.316	1.176.234	7.931	1,10	13,09	11,86

Fonte: Epagri/Cepa.

Em nível nacional, os dados do 10º Relatório de Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos da Conab, indica uma redução de 1,5% na área plantada de arroz em relação à safra passada, influenciada principalmente pela diminuição de áreas de plantio em sequeiro. Em contrapartida, observa-se o aumento do plantio em áreas irrigadas, o que ajuda a explicar a estimativa de aumento de produtividade em 18%.

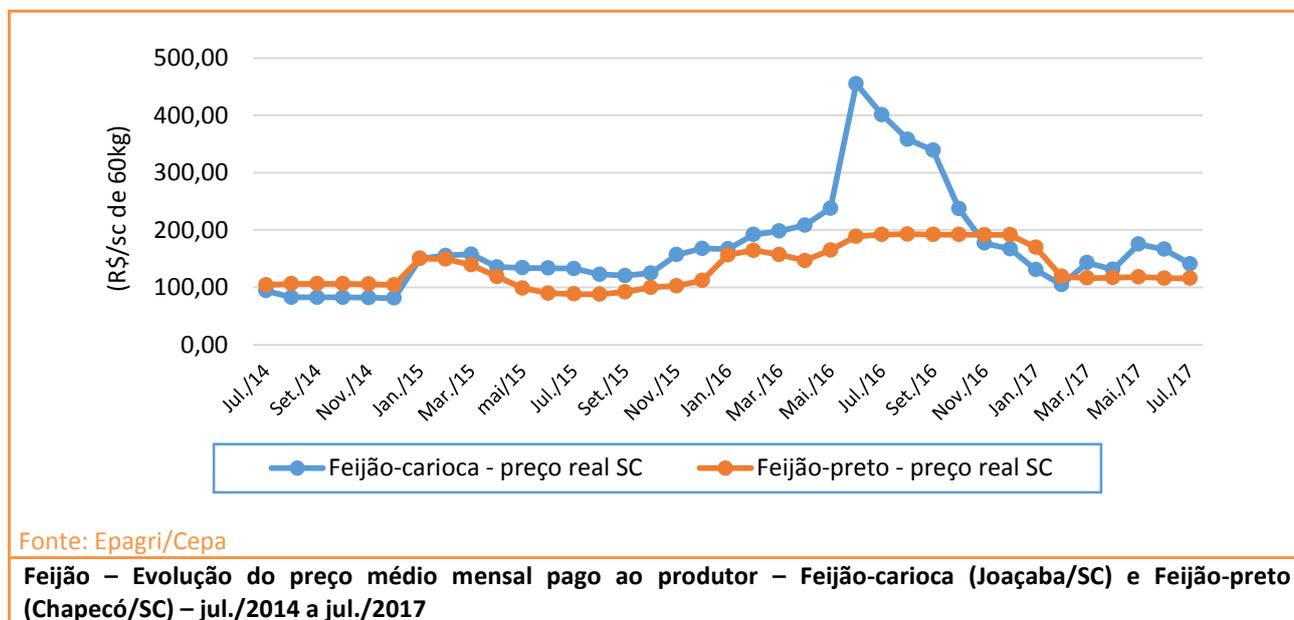
Na Região Sul, onde está concentrada a maior parte da produção do país, o incremento de área em relação à safra passada deve girar em torno de 1,9%. Os dados levantados para o Estado pela Epagri/Cepa, também apontam nesta mesma direção, tivemos um aumento de área na ordem de 1,10% e de produção em torno de 13,09%. A produtividade média, essa passou de 7.090 para 7.931 kg/ha, representando um aumento de 11,86%.

Para a safra 2017/18, no próximo mês serão lançada nossas estimativas iniciais, ao que tudo indica não haverá variações muito significativas em termos de área plantada, quanto a produção e rendimento, provavelmente teremos um prognóstico bem diferente do que foi o resultado final da safra 2016/17, mas vamos aguardar os levantamentos que estão sendo realizados por nossos técnicos a campo para podermos fazer melhores prognósticos.

Feijão

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

No mês julho, a maior parte do feijão que abasteceu o mercado nacional teve origem nos Estados do Paraná e Minas Gerais, os outros Estados que também contribuíram foram Goiás, Mato Grosso e São Paulo. Em Santa Catarina, as intensas chuvas que atingiram o estado em final de maio e início de junho, aliados às baixas temperaturas, prejudicando a cultura sobretudo na fase final do ciclo, comprometendo a qualidade do produto final. Com praticamente toda a produção estadual do feijão segunda safra comercializada desde junho, os produtores já estão se preparando para a próxima safra. Quanto aos preços pagos ao produtor, em 2017 o preço médio entre os meses de março a julho ficou em torno de R\$ 170,00 para o feijão-carioca e R\$ 120,00 para o feijão-preto, nesse mesmo período em 2016, o preço médio do carioca ficou em R\$ 300,00 e do preto em R\$ 154,00, variação negativa nesta safra de 43% para o feijão-carioca e de 22% para o feijão-preto.



Na praça de Joaçaba, referência para o feijão-carioca no Estado, o preço mais comum para a saca de 60kg passou de R\$ 167,89 no mês de junho, para R\$ 141,00 no mês de julho, redução de cerca de 16%. Comportamento muito semelhante foi observado em São Paulo e Goiás. Já no Estado do Paraná a redução foi ainda maior, cerca de 32%, onde a saca de 60kg do feijão carioca passou de R\$ 159,49 para R\$ 108,21. No mercado atacadista de São Paulo, na dia 9 de agosto, o feijão-carioca nota 9,0 foi comercializado a R\$ 122,50/sc de 60kg e o nota 8,5 ficou cotado a R\$ 112,50/sc de 60kg, com o mercado calmo.

Feijão-carioca – Evolução do preço médio mensal ao produtor nos principais estados produtores

Estado	Junho/2017 (R\$)	Julho/2017 (R\$)	Varição mensal (%)
Santa Catarina ⁽¹⁾	167,89	141,00	-16,02
Paraná	159,49	108,21	-32,15
São Paulo	183,76	149,56	-18,61
Goiás	201,92	165,13	-18,22

⁽¹⁾praça de referência Joaçaba, SC.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Redal (PR), Agrolink (SP e GO).

Para o feijão-preto, que em Santa Catarina corresponde a cerca 91% da área plantada do feijão 2ª safra, os preços caíram significativamente no último mês, contudo a maioria dos produtores já comercializou sua produção. Em junho foi pago ao produtor pela saca de 60kg na praça de referência de Canoinhas o preço mais comum de R\$ 141,00, enquanto que no mês de junho foi pago R\$ 167,89, redução de 16%. O comportamento de preços no mercado atacadista é nominal, na Bolsa de Cereais de São Paulo (BCSP) o feijão-preto extra foi cotado no dia 9/8 a R\$ 165,00 a saca de 60kg.

Feijão-preto – Evolução do preço médio mensal ao produtor nos principais estados produtores

Estado	Junho/17 (R\$)	Julho/17 (R\$)	Varição Mensal (%)
Santa Catarina ⁽¹⁾	117,25	115,85	-1,19
Paraná	133,23	123,05	-7,64
Rio Grande do Sul	142,60	139,34	-2,29

⁽¹⁾praça de referência Canoinhas, SC.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Redal (PR), Agrolink (RS).

No mercado atacadista de São Paulo, principal mercado atacadista da leguminosa, que acaba por balizar o preço pago aos produtores, considerando os diferentes tipos de feijão, permaneceu estável para o feijão-carioca, o que significa que houve equilíbrio entre oferta e demanda de volumes suficientes para atender os níveis de consumo no período. Para o feijão-preto, os preços no atacado permaneceram nominais, isto é, a procura pelo produto não se alterou nesse período, não havendo motivos para variações positivas ou negativas nas cotações.

Em relação às notas atribuídas para o produto feijão-carioca, explicamos mais uma vez que se trata de uma classificação reconhecida pelo mercado atacadista, que tem como objetivo retirar a subjetividade da avaliação de cor, anteriormente realizada apenas visualmente. Quanto mais claro, maior a valorização do produto. O padrão brasileiro da cor do feijão-carioca é composto de uma escala de cores de 6-10, sendo 6 a cor mais escura e 10 a mais clara.

Feijão – Preço médio do feijão no mercado atacadista de São Paulo		
Produto ⁽¹⁾	Preço médio ⁽²⁾	Mercado
Feijão Carioca Extra Novo (9,5)	146,50	Estável
Feijão Carioca Extra (9,0)	137,10	Estável
Feijão Carioca Especial (8,5)	127,50	Estável
Feijão Carioca Comercial (8,5)	117,50	Estável
Feijão Carioca Comercial (7,5)	102,50	Estável
Feijão Preto Extra	167,50	Nominal
Feijão Preto Especial	150,00	Nominal

⁽¹⁾ preço médio na última semana de julho/2017.
⁽²⁾ feijão nacional, maquinado, saca 60kg, 15 dias, CIF¹/SP.
Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Redal (PR), Agrolink (SP e GO).

Neste mês de julho apresentamos os dados consolidados de feijão total Santa Catarina. Estes números representam a soma da primeira e segunda safra de feijão cultivados nos Estado. Na primeira safra, também conhecida como safra das águas, o plantio de dá entre os meses de agosto a dezembro, período em que normalmente há bom regime de chuvas, por isso, “safra das águas”. Já a segunda safra, que em muitas regiões é chamada de safra da seca, o plantio acontece entre dezembro e março. Em Santa Catarina, para a safra 2016/17, no comparativo das safra 1ª e 2ª, a safra das águas é responsável por cerca de 65% (48.394ha) da área total cultivada com feijão no Estado e contribui com aproximadamente 73% (94,5 mil toneladas) da produção estadual de feijão.

Nessa safra 2016/17, houve redução na área plantada em torno de 4% em relação à safra passada. Em termos de produção, não ocorreram variações significativas, nas duas últimas safras a produção Estadual está estabilizada em cerca de 128 mil toneladas. Em termos de rendimento, apesar dos prejuízos causados na produtividade do feijão 2ª safra (1.350kg/ha), em função das chuvas ocorridas entre maio e junho de 2017, observa-se que os bons rendimentos obtidos com o feijão 1ª safra (1.809kg/ha), compensaram essas perdas, resultando num pequeno aumento de 4% no rendimento médio total da safra 2016/2017 em comparação com a safra anterior.

¹ CIF é a sigla para *Cost, Insurance and Freight*, que em português, significa “Custo, Seguros e Frete”. Neste tipo de frete, o fornecedor é responsável por todos os custos e riscos com a entrega da mercadoria, incluindo o seguro marítimo e frete. Esta responsabilidade finda quando a mercadoria chega ao porto de destino designado pelo comprador.

Feijão total – Comparativo de safra 2015/16 e 2016/17 – Santa Catarina

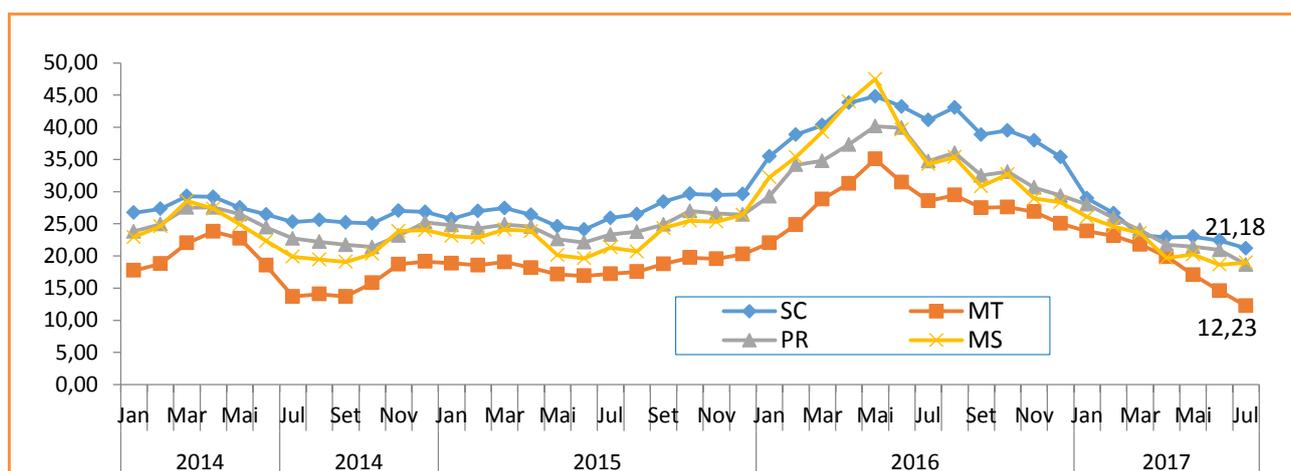
Microrregião	Safra 2015/16			Safra 2016/17			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	931	950	1020	853	614	719	-8	-35	-29
Blumenau	395	393	995	164	168	1024	-58	-57	3
Campos de Lages	9720	19541	2010	9520	20192	2121	-2	3	6
Canoinhas	9820	16033	1633	9860	16259	1649	0	1	1
Chapecó	4382	7091	1618	4438	8189	1845	1	15	14
Concórdia	553	571	1033	475	725	1525	-14	27	48
Criciúma	3402	4206	1236	4564	3763	825	34	-11	-33
Curitibanos	15600	27529	1765	10095	21026	2083	-35	-24	18
Florianópolis	280	370	1321	140	185	1321	-50	-50	0
Itajaí	24	28	1167	7	8	1143	-71	-71	-2
Ituporanga	1865	3405	1826	2396	4495	1876	28	32	3
Joaçaba	4388	7609	1734	3733	7019	1880	-15	-8	8
Joinville	28	20	714	14	10	714	-50	-50	0
Rio do Sul	1429	1904	1332	1231	2101	1707	-14	10	28
São Bento do Sul	510	636	1247	665	1076	1617	30	69	30
São M. do Oeste	2532	4100	1619	3512	4733	1348	39	15	-17
Tabuleiro	1020	1138	1116	400	442	1105	-61	-61	-1
Tijucas	612	855	1397	264	426	1614	-57	-50	16
Tubarão	2593	3215	1240	2573	2506	974	-1	-22	-21
Xanxerê	13875	29013	2091	16255	34841	2143	17	20	3
Santa Catarina	73959	128607	1739	71159	128779	1810	-4	0	4

Fonte: Epagri/Cepa, IBGE/LSPA – SC (jul./2017).

Milho

Haroldo Tavares Elias
Eng. Agrº., Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Neste mês, os preços de milho nos principais estados produtores continuam caindo em relação ao mês anterior, no Mato Grosso foram registrados os menores preços, R\$ 12,23, em Santa Catarina as cotações maiores, R\$ 21,18, comportamento que segue em grande parte do período analisado, de 2014 a julho de 2017. Outros estados também registraram quedas nos preços. Em média os preços do Paraná e Mato Grosso do Sul reduziram 4,56% em relação ao mês anterior. A entrada do milho segunda safra no mercado continua exercendo pressão de baixa nos preços, que caíram para os menores patamares do ano. A colheita desta safra no Estado de MT se aproxima do fim, com aproximadamente 90% colhidos até final de julho segundo o IMEA, no Paraná ultrapassa de 70% até o momento. A diferença destas duas regiões produtoras é que o Mato Grosso, por não ter estrutura de armazenamento, já comercializou 70% da safra, enquanto no Paraná a segunda safra totalizou apenas 19% de produto comercializado no fechamento de julho (informação SEAB/PR – Deral).



Fonte: Epagri/Cepa. Agrolink.

Milho – Evolução do preço médio mensal real ao produtor em Santa Catarina, Mato Grosso, Paraná, Mato Grosso do Sul – 2014 a jul./2017

Os preços não têm desvalorizado mais pela realização de leilões da Conab para a safra 2016/17, em especial negociados pelo Prêmio ao produtor rural (Pepro), bem como pela expectativa de que a safra 2017/18 de milho americana de que haveria redução em função do estresse hídrico em várias áreas assim a Bolsa de Chicago (CBOT) operou com a commodity em alta em algumas semanas de julho com o relatório de 10 de agosto da Usda², apresenta expectativa de redução da produção safra 2017/18 em 7% abaixo da safra passada. Com base em condições a partir de início de agosto. Outra notícia que confere uma perspectiva de melhora do mercado é que os embarques de milho do Brasil atingiram 2,3 milhões de toneladas em julho, incremento de 122,2% em relação ao mesmo mês 2016, período em que foram

² Usda. Released August 10, 2017, by the National Agricultural Statistics Service (NASS), Agricultural Statistics Board, United States Department of Agriculture (Usda).

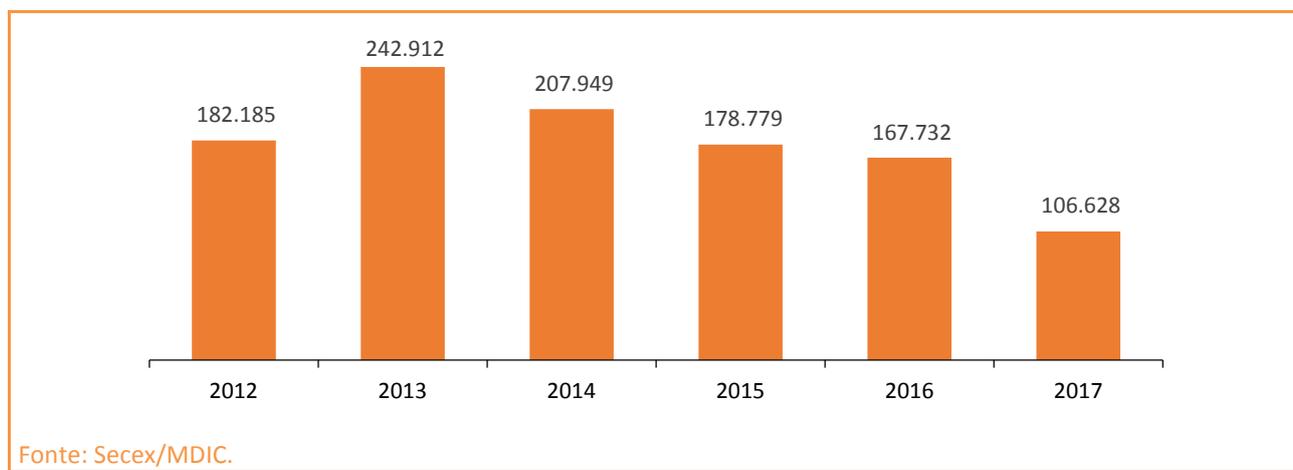
exportadas um pouco mais de 1 milhão de toneladas³, no entanto, a evolução das exportações ao longo dos próximos meses e o acumulado no ano deverá ser um melhor indicador.

Segundo dados do Usda, a safra mundial de milho estimada em 2016/17 é 1.065,11 bilhão de toneladas, sendo 96 milhões de toneladas para o Brasil. Diante da expressividade da safra, os preços estão sofrendo pressão de baixa desde início de 2017.

Em nível nacional a safra 2016/17 do Milho primeira safra: colheita praticamente concluída, com produção estimada de 30,5 milhões de toneladas. Milho segunda safra: colheita em andamento, com estimativa de produção total de 66,7 milhões de toneladas cultivadas em 12 milhões de hectares. Milho total, safra 2016/17 o Brasil produziu 97,2 milhões de toneladas⁴, enquanto na safra 2015/16 foi produzido 66,6 milhões de toneladas, 46,1% superior na atual safra, o que reflete no comportamento dos preços até o momento.

Em Santa Catarina, os preços médios fecharam em R\$ 22,39 em junho e R\$ 21,18 em julho a saca de 60kg na praça de Chapecó (praça referência no estado).

A safra de milho no estado registrou números significativos e com boa qualidade dos grãos na safra que se encerra, embora represente um mercado pouco expressivo no que se refere ao mercado externo registrando exportações de 106.608 toneladas no acumulado de janeiro a julho de 2017. Comparativamente à média observada nos últimos cinco anos, o comportamento das exportações nos quatro primeiros meses do ano se mostrou atípicos, e mesmo com a recuperação de abril ficaram abaixo do observado em 2016, cujos preços elevados no mercado externo impulsionaram as exportações que totalizaram 168 mil toneladas no referido ano.

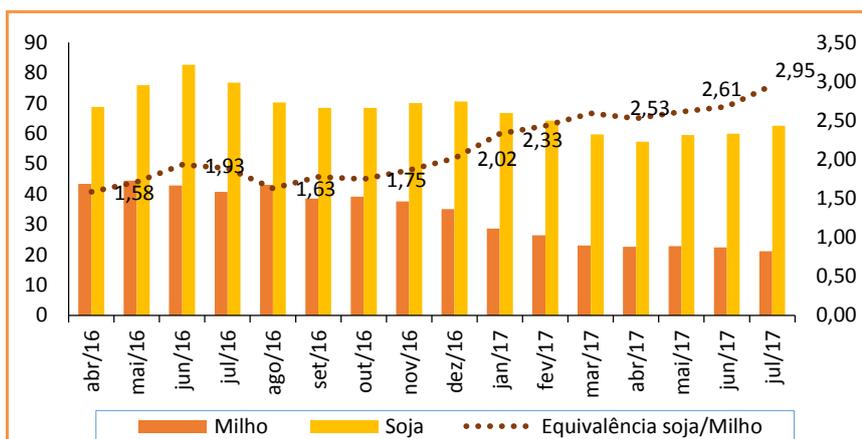


Fonte: Secex/MDIC.

Exportações catarinenses de milho em grão e sementeira (2012- jun./2017) – em toneladas

³MDIC. Exportações. <http://alicesweb.mdic.gov.br//consulta-ncm/consultar>

⁴Conab | acompanhamento da safra brasileira de grãos | v. 4 - safra 2016/17, n 11 - décimo primeiro levantamento, agosto 2017.

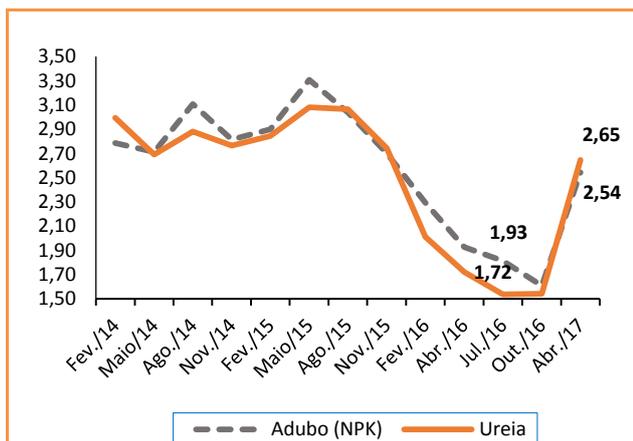


Fonte: Epagri/Cepa.

Equivalência de preços de soja e milho em Santa Catarina

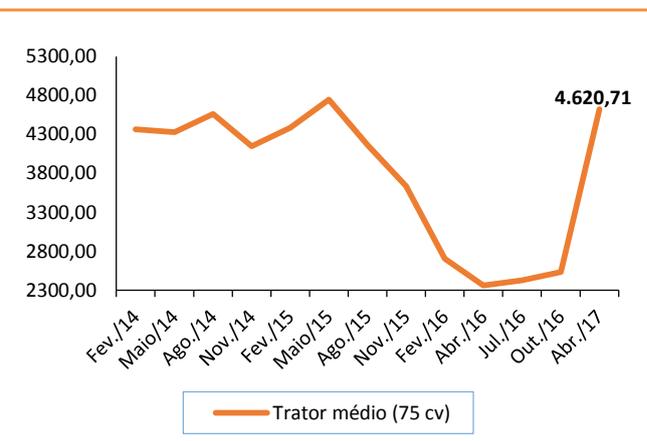
Na comparação entre os preços de milho e soja no estado, observa-se que os preços da soja em julho continuaram reagindo, elevação de 4,2% em relação ao mês anterior, enquanto o milho sofreu uma queda de 3,2% no mesmo período. Isso resultou em uma equivalência de preços de 2,95, bem acima do observado no mês de julho de 2016, que foi 1,93. Tal resultado indica que a soja, principal concorrente em área do milho, tem se mostrado mais vantajosa quando se leva em consideração os custos de

produção e a rentabilidade em Santa Catarina. Considera-se que no estado, quando essa relação de equivalência é superior a 2,3 as condições de produção são favoráveis ao sojicultor. Com a valorização dos preços da soja maior do que o milho, esta posição tende a se consolidar.



Fonte: Epagri/Cepa.

Equivalência de preço – Sacas de milho necessárias para compra de fertilizantes



Fonte: Epagri/Cepa.

Equivalência de preço – Sacas de milho necessárias para comprar um trator médio

Quanto aos preços dos insumos, observa-se que a redução dos preços do milho nos últimos meses resultou em aumento da equivalência de preços entre os grãos e seus principais insumos. No mês de abril foram necessárias cerca de 2,54 sacas de 60kg milho para adquirir um saco de adubo NPK (0-20-20) de 50kg e 2,65 sacos de milho para adquirir um saco de 50 kg de ureia. Em abril de 2016 a relação estava em 1,72 e 1,93 para ureia. Para o trator de 75cv a equivalência de preços também sofreu alta significativa em relação aos meses de julho a outubro de 2016, sendo necessárias 4.620,71 sacos de milho para adquirir um trator. Além da redução do preço do milho, destaca-se que houve um aumento nos preços dos insumos no Estado, seguindo a tendência nacional, haja vista a instabilidade econômica e forte oscilação do dólar. Comparativamente à abril de 2016, observa-se uma forte valorização da equivalência de preços entre o milho e os insumos selecionados, tendo aumentado 32% no que se refere ao adubo NPK, 54% para a ureia e 96% para o trator. Tal valorização se explica pelo fato de naquele mês os preços do milho grão estarem elevados e os preços dos insumos terem sofrido leve redução. A relação de troca com os principais insumos, é um dos fatores que o produtor deve levar em consideração no momento de venda do produto. A atualização de preços de insumos é realizada de forma trimestral, agosto será atualizado.

Milho grão total – Acompanhamento da safra 2015/16 e 2016/17 – Santa Catarina									
Microrregião	Safra 2015/16			Safra 2016/17			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	8.148	42.999	5.277	8.089	33.184	4.102	-0,72	-22,83	-22,26
Blumenau	1.773	6.800	3.835	1.567	5.967	3.808	-11,62	-12,25	-0,71
Campos de Lages	35.500	233.622	6.581	36.010	264.126	7.335	1,44	13,06	11,46
Canoinhas	30.500	266.270	8.730	32.100	304.670	9.491	5,25	14,42	8,72
Chapecó	61.314	530.621	8.654	64.929	555.175	8.550	5,90	4,63	-1,20
Concórdia	31.140	211.666	6.797	24.630	205.038	8.325	-20,91	-3,13	22,47
Criciúma	7.829	47.117	6.018	8.220	48.199	5.864	4,99	2,30	-2,57
Curitibanos	22.446	205.618	9.161	21.608	239.546	11.086	-3,73	16,50	21,02
Florianópolis	619	2.299	3.714	619	2.299	3.714	0,00	0,00	0,00
Itajaí	54	199	3.685	53	196	3.698	-1,85	-1,51	0,35
Ituporanga	10.080	61.600	6.111	11.120	78.125	7.026	10,32	26,83	14,96
Joaçaba	55.552	443.751	7.988	59.684	630.233	10.560	7,44	42,02	32,19
Joinville	485	1.674	3.452	340	1.160	3.412	-29,90	-30,70	-1,15
Rio do Sul	19.450	111.432	5.729	20.930	129.932	6.208	7,61	16,60	8,36
São Bento do Sul	5.500	44.750	8.136	5.000	35.200	7.040	-9,09	-21,34	-13,47
São Miguel do Oeste	45.640	282.792	6.196	45.410	360.400	7.937	-0,50	27,44	28,09
Tabuleiro	3.505	11.968	3.415	3.457	11.801	3.414	-1,37	-1,40	-0,03
Tijucas	1.690	6.237	3.691	1.705	6.764	3.967	0,89	8,45	7,50
Tubarão	6.451	37.816	5.862	5.590	27.964	5.003	-13,35	-26,05	-14,66
Xanxerê	23.500	207.534	8.831	28.000	292.874	10.460	19,15	41,12	18,44
Santa Catarina	371.176	2.756.766	7.427	379.061	3.232.853	8.529	2,12	17,27	14,83

Fonte: Epagri/Cepa.

A safra de milho no estado para 2016/17 registrou uma variação de área cultivada de 2,12% superior em relação à safra anterior. No entanto, com o avanço da colheita, que confirmou boa produtividade (14,83% maior) para o grão no estado, a produção foi 17,27% superior em relação à safra anterior. A área plantada cultivada em 2016/17 foi de 379 mil hectares e produção de 3,2 milhões de toneladas. A produtividade média alcançada no estado é de 8,5 toneladas por hectare, bem acima da média nacional, de 5,5t/ha. Há grandes variações do rendimento de grãos no Brasil, bem como no Estado, regiões como Curitibanos, Joaçaba, e Xanxerê a produtividade ficou acima de 10t/ha, bem superior a média nacional, quanto estadual. Além da condição climática favorável ao longo de toda a safra, o uso de alta tecnologia na produção resultaram em produtividades elevadas e, conseqüentemente, maior produção na safra. A tecnologia inclui a utilização de cultivares melhoradas e adaptadas a região de cultivo e uso de insumos necessários, além de fatores meteorológicos, em especial de radiação solar, temperatura do ar e precipitação pluvial, os quais são determinantes no rendimento de grãos. Todos estes fatores foram favoráveis nesta última safra, em função disto as boas produtividades registradas. A região com maior área cultivada do estado é a de Chapecó, seguida por Joaçaba e São Miguel do Oeste, que juntas somam 48% da área total cultivada no estado, no entanto, em função do rendimento médio, a região de Joaçaba apresenta a maior produção total.

O milho destinado à produção de silagem também apresentou crescimento em relação ao ano safra anterior. Observa-se incremento de 4,54% na área plantada e 14,39% na produção, resultando em 220 mil hectares e 9,37 milhões de toneladas. Atualmente 100% da área destinada à produção de silagem já foi colhida. Destacamos a expressiva área de milho cultivada para silagem nas regiões de Chapecó e São Miguel do Oeste, que juntas somam em torno de 105 mil ha, 48% do total do estado, sendo explicado pela expressiva presença da pecuária leiteira nestas regiões. Chapecó e São Miguel do Oeste constituem duas maiores regiões produtoras de leite do estado, com forte expansão nos últimos anos, participando com aproximadamente 30% de toda a produção do estado.

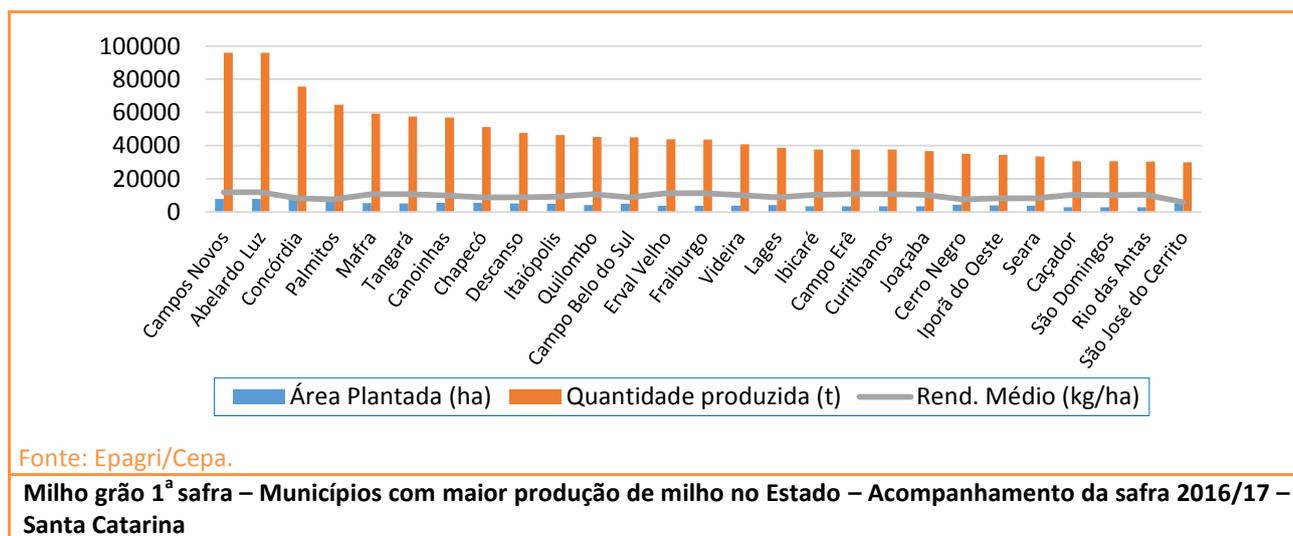
Milho silagem – Acompanhamento da safra 2016/17 – Santa Catarina

Microrregião	Safra 2015/16			Safra 2016/17 (Estimativa atual)			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	4.560	160.475	35.192	4.847	166.919	34.438	6,29	4,02	-2,14
Blumenau	1.797	69.865	38.879	1.824	70.895	38.868	1,50	1,47	-0,03
Campos de Lages	5.320	220.250	41.400	5.530	270.550	48.924	3,95	22,84	18,17
Canoinhas	3.800	140.000	36.842	4.150	163.000	39.277	9,21	16,43	6,61
Chapecó	58.800	2.416.709	41.100	57.700	2.629.000	45.563	-1,87	8,78	10,86
Concórdia	18.280	737.800	40.361	26.630	980.900	36.834	45,68	32,95	-8,74
Criciúma	2.502	97.080	38.801	3.808	180.490	47.398	52,20	85,92	22,16
Curitibanos	2.550	102.220	40.086	2.550	138.450	54.294	0,00	35,44	35,44
Florianópolis	326	13.510	41.442	331	13.700	41.390	1,53	1,41	-0,13
Itajaí	60	1.800	30.000	61	1.827	29.951	1,67	1,50	-0,16
Ituporanga	2.580	108.800	42.171	2.350	95.000	40.426	-8,91	-12,68	-4,14
Joaçaba	15.100	661.100	43.781	15.520	922.650	59.449	2,78	39,56	35,79
Rio do Sul	14.830	527.010	35.537	14.680	542.550	36.958	-1,01	2,95	4,00
São Bento do Sul	-	-	-	610	34.900	57.213			
São Miguel do Oeste	47.190	1.613.840	34.199	47.905	1.879.275	39.229	1,52	16,45	14,71
Tabuleiro	1.320	70.950	53.750	1.339	71.998	53.770	1,44	1,48	0,04
Tijucas	2.470	71.020	28.753	2.506	72.050	28.751	1,46	1,45	-0,01
Tubarão	9.078	353.695	38.962	12.626	487.676	38.625	39,08	37,88	-0,87
Xanxerê	17.120	749.300	43.768	16.720	855.200	51.148	-2,34	14,13	16,86
Santa Catarina	207.683	8.115.424	39.076	221.687	9.577.030	43.201	6,74	18,01	10,56

Fonte: Epagri/Cepa.

Os municípios que alcançaram os maiores volumes de produção de milho em Santa Catarina (acima de 30.000t) na safra 2016/17 estão listados no Gráfico abaixo. É possível verificar que, os quatro primeiros colocados são: Campos Novos, Abelardo Luz, Concórdia e Palmitos. Interessante observar que, os dois municípios com maior área plantada são Concórdia e Palmitos, entretanto, em função do maior rendimento por área/productividade de Campos Novos e Abelardo Luz (12.000kg/ha), estes alcançam maior produção total, de 96.000 toneladas na safra. Estudos mostram que regiões com maior altitude tem um efeito direto na temperatura, tanto diurna como noturna, afetando tanto a fotossíntese como a respiração. Para as condições brasileiras, o milho plantado em maiores altitudes apresenta maior número de dias para atingir o pendoamento, aumentando o ciclo e apresentando maior rendimento de grãos. Aumentando o período de enchimento de grãos, consequentemente aumentará a produtividade. Menores temperaturas noturnas reduzem a taxa de respiração, o que resultará na redução do ponto de compensação (ponto em que a fotossíntese e a respiração são idênticas), o que também implica no aumento da produtividade. O ganho genético em altitudes maiores também apresenta diferenciação, em altitudes acima de 700 m o ganho genético foi de 94kg/ha/ano, enquanto altitudes inferiores a 700 m. foi de 74 kg/ha/ano. Este é resultado de estudo realizado em ensaios conduzidos em 13 anos, de 2001 a 2013 no Sul do Brasil (SILVA, 2015).

O que isto tem haver com análise econômica? Caso Concórdia e Palmitos tivessem a produtividade semelhante a Abelardo Luz e Campos Novos, em torno de 2.000 ha poderiam ser destinados a outros cultivos ou ampliar a produção de milho nestas regiões em 30%, mesmo considerando as questões técnicas levantadas, uma vez que ainda há potencial genético das cultivares para avanço no rendimento de grãos.



Milho grão 1ª safra – Municípios com maior produção de milho no Estado – Acompanhamento da safra 2016/17 – Santa Catarina

Município	Área plantada (ha)	Produção total (t)	Produtividade (kg/ha)	Potencial prod.relative %
Campos Novos	8.000	96.000	12.000	100
Abelardo Luz	8.000	96.000	12.000	100
Concórdia	9.000	75.600	8.400	70
Palmitos	8.300	64.740	7.800	65

Fonte: Epagri/Cepa.

Milho nacional:

Milho primeira safra: colheita concluída, com produção estimada de 30,4 milhões de toneladas. Milho segunda safra: colheita em andamento, com estimativa de produção total de 65,63 milhões de toneladas cultivadas em 11,9 milhões de hectares (Conab, Jul. 2017), total de 96,03 milhões de toneladas.

A exemplo da safra catarinense, tem-se observado que a produtividade média de milho em nível nacional tende a se confirmar bem acima do esperado inicialmente, com o início da colheita e as boas condições das lavouras de segunda safra foram e continuam sendo favoráveis, principalmente em Mato Grosso (segundo IMEA deverá alcançar índices acima de 100sc/ha⁵ e, Paraná próximo a 100sc/ha (Deral-SEAB-PR).

Referências

CONAB. **Acompanhamento de safra brasileira de grãos**, v. 4 Safra 2016/17 - Décimo levantamento, Brasília, p. 1-171 julho 2017. Brasília: ISSN 2318-6852, consulta em 10.08.2017.

http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/17_07_12_11_17_01_boletim_graos_julho_2017.pdf

SILVA, Éder David Borges. **Ganho genético para produtividade de grãos de Milho na região Sul do Brasil**. Mestrado em Agronomia. Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, 61 p. 2015.

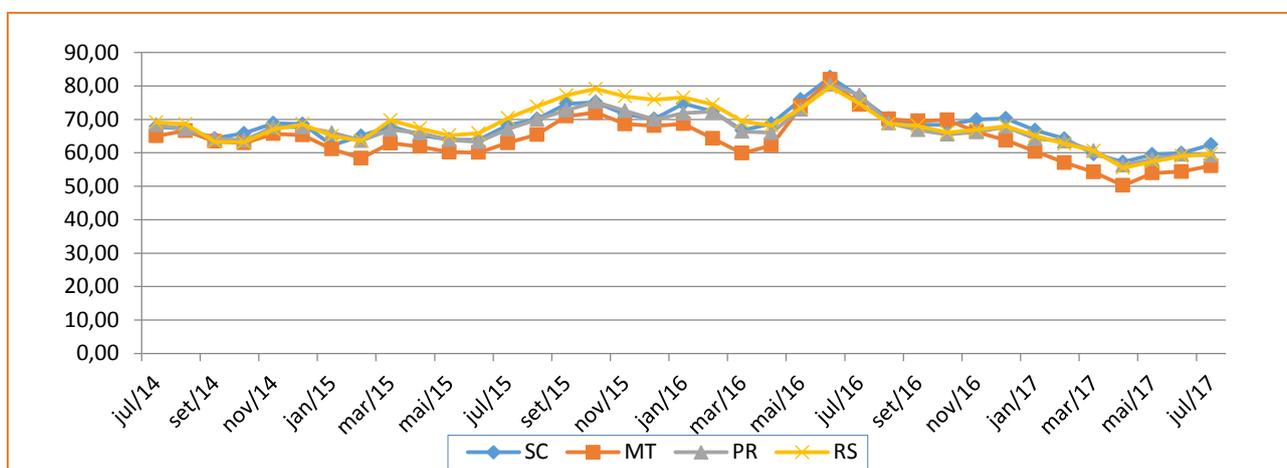
Usda: **World Markets and Trade, July, 2017**. Consulta em 2 ago. 2017: <http://usda.mannlib.cornell.edu/usda/current/wasde/wasde-07-12-2017.pdf>.

⁵<http://www.imea.com.br/upload/publicacoes/arquivos/03072017201432.pdf>.

Soja

Haroldo Tavares Elias
Eng. Agr. Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Os preços da soja em julho de 2017 continuam com ritmo de valorização em relação ao mês anterior nos principais estados produtores. Desde abril mantém ritmo de valorização, no último mês o preço médio mensal fechou em R\$ 56,13, R\$ 59,24 e R\$ 59,65 no Mato Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul, respectivamente. Em comparação com o mês de junho os preços em tais estados produtores aumentaram em média 1,26%. No comparativo com o mesmo mês no ano passado, a variação média nos principais estados produtores (MT, PR e RS) foi de -22,7%. Em Santa Catarina os preços apresentaram ligeira alta de R\$ 59,95 em junho para 62,45 em julho, o que representa uma variação de 4,2%. Já em comparação com o mesmo mês de 2016, os preços reais reduziram em 19%, aproximadamente. A safra expressiva tanto para o Brasil como para os demais países produtores estavam reforçando a tendência de queda dos preços até abril, no entanto, a correção negativa dos estoques mundiais no relatório do Usda em final de junho, que indicou menores estoques e área semeada nos Estados Unidos. Nesse cenário, as cotações da soja americana aumentaram, o que, somado ao dólar em níveis mais altos do que o Real, ajudou a elevar os valores no Brasil em julho. Agora, o novo relatório da estimativa de safra 2017/18 da Usda⁶ de 10 de agosto, trouxe números maiores do que o esperado para a soja nos Estados Unidos, os quais ficaram, portanto, acima das expectativas, com um aumento de 2% da produção Americana em relação ao ano passado, sendo revisada para 119,23 milhões de toneladas, contra 115,9 milhões de julho o que poderá influenciar o mercado novamente.



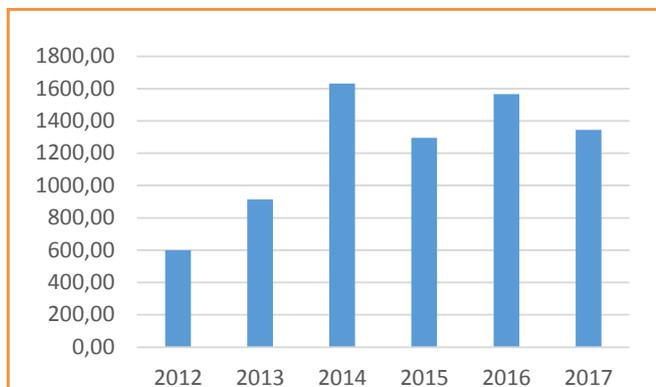
Fonte: Epagri/Cepa. Agrolink (MT, PR, RS).

Soja – Preço médio real mensal de soja em grão ao produtor, MT, PR, RS e Santa Catarina – 2014 a 2017

Em Santa Catarina, embora a participação na produção nacional seja pouco expressiva, a boa expectativa para a safra também gerou efeitos negativos sobre os preços desde meados do ano anterior. Quanto ao comportamento do mercado soja, todas as situações e análises atuais podem encontrar um cenário de

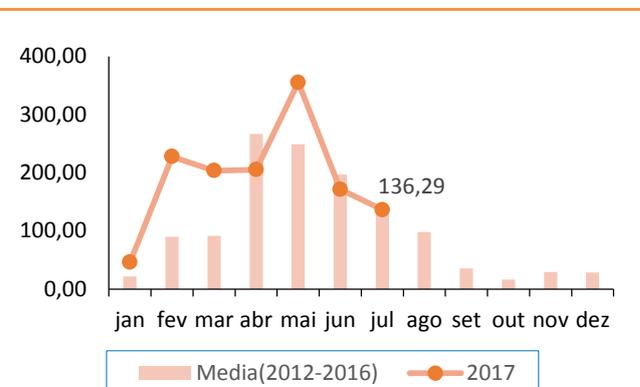
⁶Usda. Released August 10, 2017, by the National Agricultural Statistics Service (NASS), Agricultural Statistics Board, United States Department of Agriculture (Usda).<http://usda.mannlib.cornell.edu/usda/current/CropProd/CropProd-08-10-2017.pdf>

mudanças influenciado pelas condições climáticas na região produtora dos Estados Unidos, em especial no mês de julho até meados de agosto, período que as culturas de milho e soja estarão em fase de floração e enchimento de grãos, momento sensível na definição do potencial produtivo destas culturas.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

Soja – Acumulado das exportações da soja em grão e semeadura de Santa Catarina (2012 a jul./2017) – mil toneladas



Fonte: MDIC/Aliceweb.

Soja – Exportações mensais da soja em grão de Santa Catarina (2012 a jul./2017) – mil toneladas

No mês de julho de 2017 as exportações catarinenses totalizaram 136 mil toneladas, valor um pouco acima da média dos últimos cinco anos para o mês. No acumulado do ano, o volume exportado de janeiro a julho foi cerca de 10% acima do volume exportado no mesmo período de 2016, fechando em 1.345,1 mil toneladas. Os principais destinos das exportações são China, Rússia, Coreia do Sul e Tailândia.

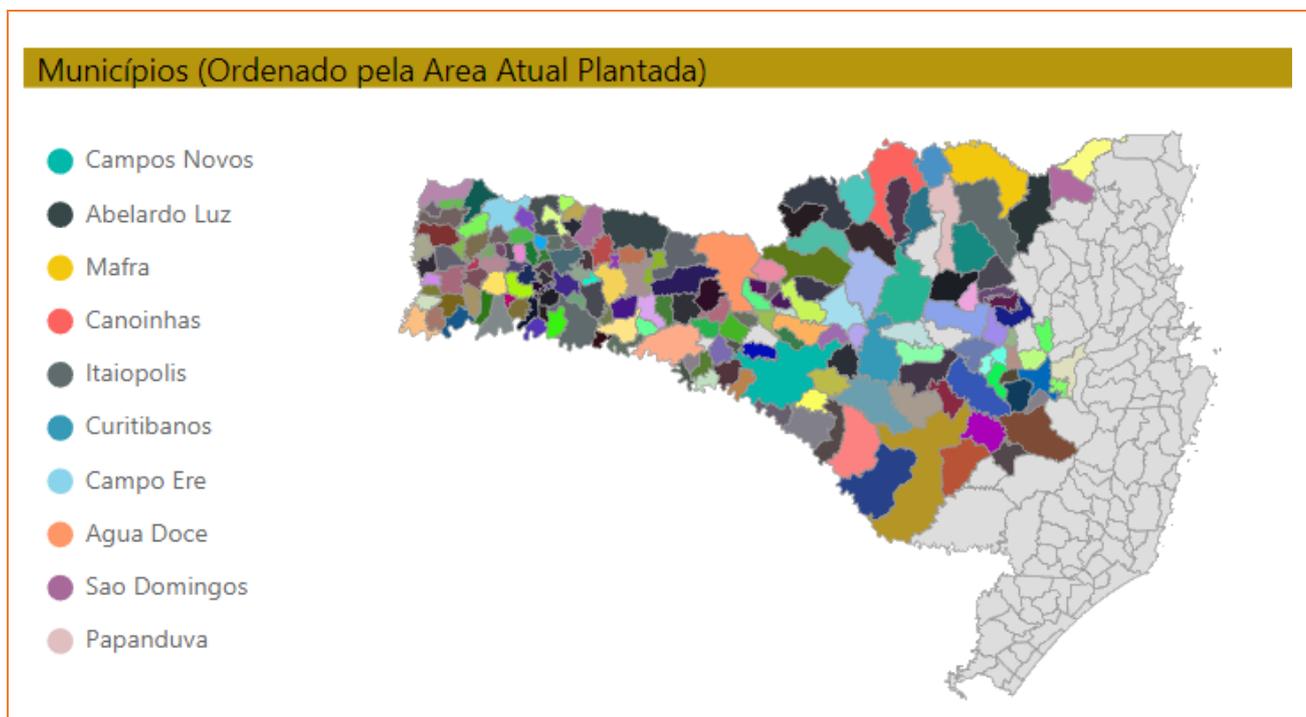
Soja – Santa Catarina – Acompanhamento da safra 2016/17

Microrregião	Safra 2015/16			Safra 2016/17 – dados finais			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
C. de Lages	60.430	201.440	3.333	59.770	199.292	3.334	-1,09	-1,07	0,03
Canoinhas	133.320	456.456	3.424	131.600	501.870	3.814	-1,29	9,95	11,39
Chapecó	91.575	262.779	2.870	90.310	285.385	3.160	-1,38	8,60	10,12
Concórdia	4.235	13.290	3.138	5.805	20.774	3.579	37,07	56,31	14,03
Curitibanos	103.645	358.894	3.463	107.680	448.976	4.170	3,89	25,10	20,41
Ituporanga	6.350	21.265	3.349	7.690	30.174	3.924	21,10	41,90	17,17
Joaçaba	57.905	207.558	3.584	57.010	237.675	4.169	-1,55	14,51	16,31
Rio do Sul	3.375	10.941	3.242	3.935	13.709	3.484	16,59	25,30	7,47
São B. do Sul	10.400	34.320	3.300	15.000	49.900	3.327	44,23	45,40	0,81
S. M. do Oeste	36.270	108.882	3.002	42.790	130.715	3.055	17,98	20,05	1,76
Xanxerê	140.000	44.8763	3.205	138.650	491.408	3.544	-0,96	9,50	10,57
Santa Catarina	647.505	2.124.588	3.281	660.240	2.409.877	3.650	1,97	13,43	11,24

Fonte: Epagri/Cepa.

A produção de Santa Catarina na safra 2016/17 foi de 2,4 milhões de toneladas em uma área de 660 mil hectares. As condições meteorológicas favoráveis, com chuvas regulares, temperaturas, boa insolação em grande parte da área produtiva do estado, bem como a tecnologia adotada, resultaram em produtividade média de 3,6 toneladas por hectare, cerca de 11% acima da obtida na safra 2015/16. Essa combinação de aumento da área e da produtividade, resultou em produção 13,4% maior em relação à safra anterior. A

atual safra de soja em Santa Catarina confirmou uma safra expressiva para este ano. As regiões com maior produção do estado são: Xanxerê, Canoinhas e Curitibanos, juntas produzem mais da metade da soja catarinense. Campos Novos e Abelardo Luz são os municípios que se destacam como maiores produtores do Estado, com área plantada de 60,5 mil e 43 mil hectares respectivamente. Nestes municípios o rendimento alcança 4.200kg/ha, bem acima da média estadual de 3.650kg/ha.

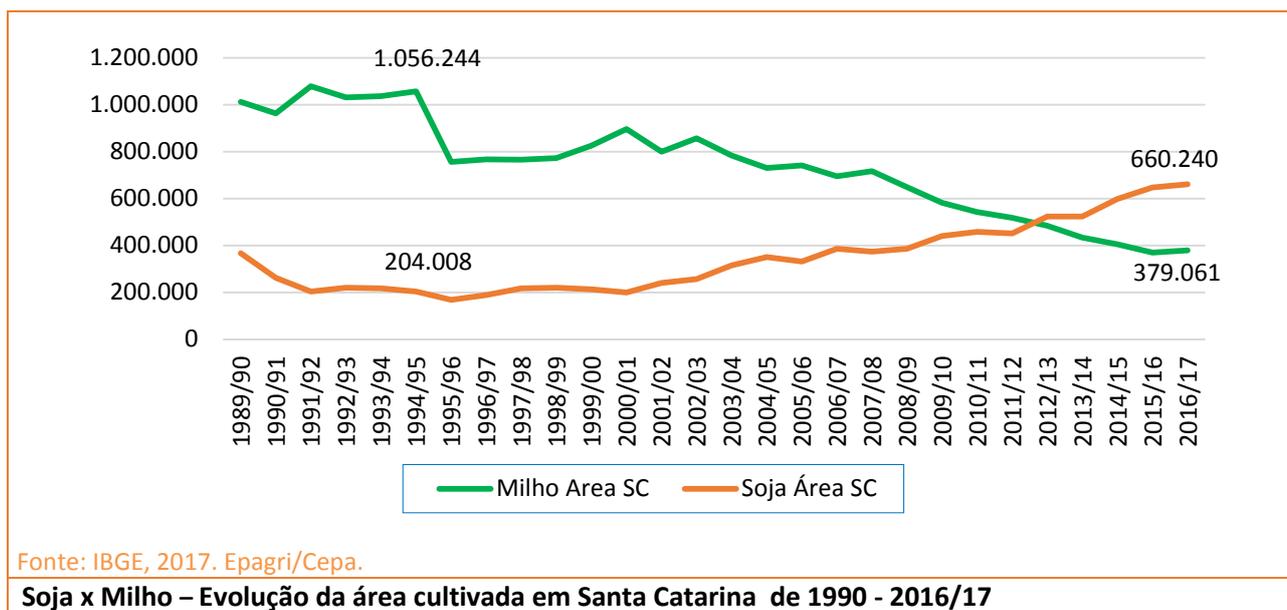


Qual o limite de expansão do Soja I?

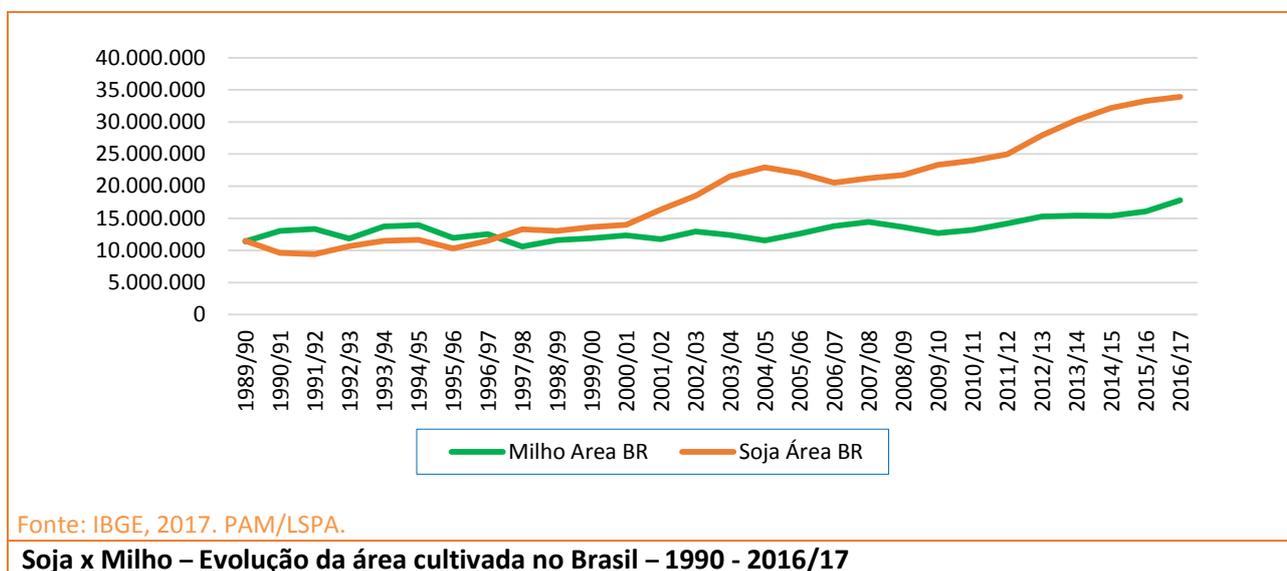
“Em Santa Catarina, o milho é a cultura de maior expressão tanto em termos de área, quanto em volume de produção. Além disso, tem importância significativa em termos socioeconômicos, seja porque é plantado em sua maior parte por pequenos produtores, seja porque é o principal insumo para o arraaçamento dos plantéis de suínos e aves⁷”.

Esta foi a introdução do Estudo de Economia e Mercado de Produtos Agrícolas – Milho, que o então Instituto Cepa publicou em 1996. Na safra anterior daquele ano (1995/95), o milho despontava como o produto agrícola mais importante do Estado. Por muitos anos ainda o milho seguiu como a cultura com maior área cultivada, entretanto, na safra 2012/13 acontece a inversão soja x milho, onde a lavoura de soja assume a posição de cultura com a maior área cultivada no Estado.

⁷ Estudo de Economia e Mercado de Produtos Agrícolas – Milho.
http://docweb.epagri.sc.gov.br/website_cepa/publicacoes/Milho.pdf



Considerando a safra nacional, este fato aconteceu num período anterior, em 1997/98. O cenário da agroindústria suínos e aves no estado, a grade demanda deste cereal e políticas públicas do Estado de apoio ao plantio do milho, postergou esta virada...mas aconteceu.



Perguntas que ressurgem após e quando antecede cada safra.

Qual o limite de expansão do soja?

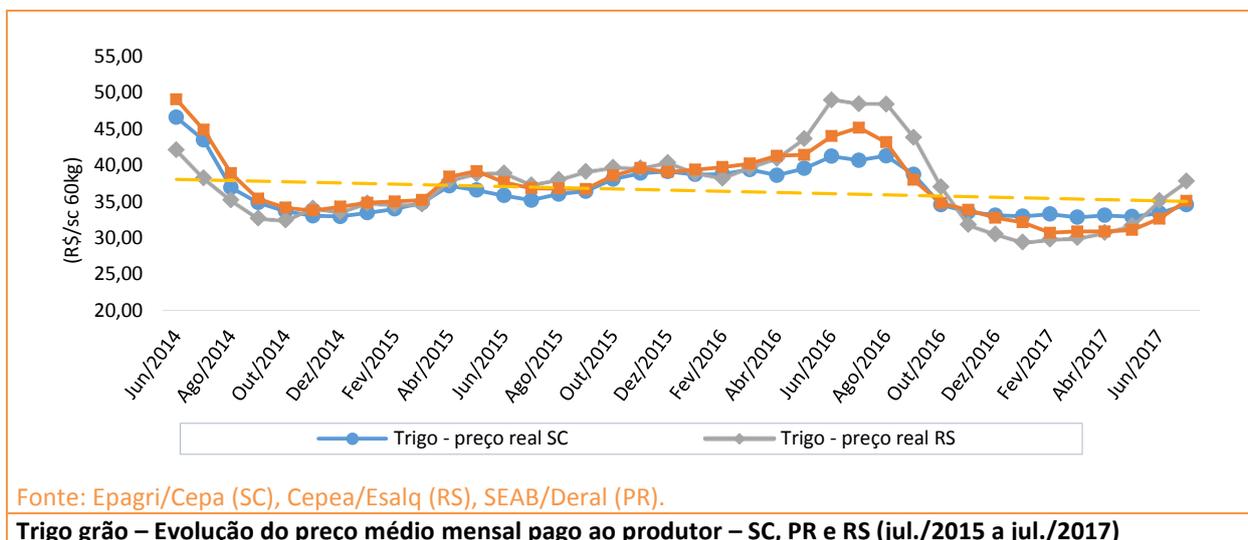
Qual a melhor cultura que se deve investir na próxima safra: soja ou milho?

Alguns fatores devem ser ponderados nesta questão: Na próxima edição deste boletim.

Trigo

João Rogério Alves
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

A evolução nos preços do trigo para os produtores nos últimos três anos tem apresentado comportamento semelhante para os três estados da Região Sul. Tomando como exemplo os preços pagos aos produtores de Santa Catarina, observamos que a linha de tendência demonstra ligeira redução de preços ao longo do período analisado. O destaque vai para a safra 2015/16, que em função do clima adverso, promoveu uma safra ruim em qualidade e quantidade, que somado a crise no abastecimento de milho daquele ano, fez com que os preços do trigo subissem. Em situações de desabastecimento de milho, é comum produtores utilizarem o trigo em substituição ao milho na composição de ração animal. Mas já a partir do segundo semestre de 2016 até este mês de julho, percebe-se um nítida queda nos preços pagos aos produtores. A alta do dólar em detrimento do real nesse período, também favoreceu as importações, derrubando ainda mais as cotações internas do cereal.



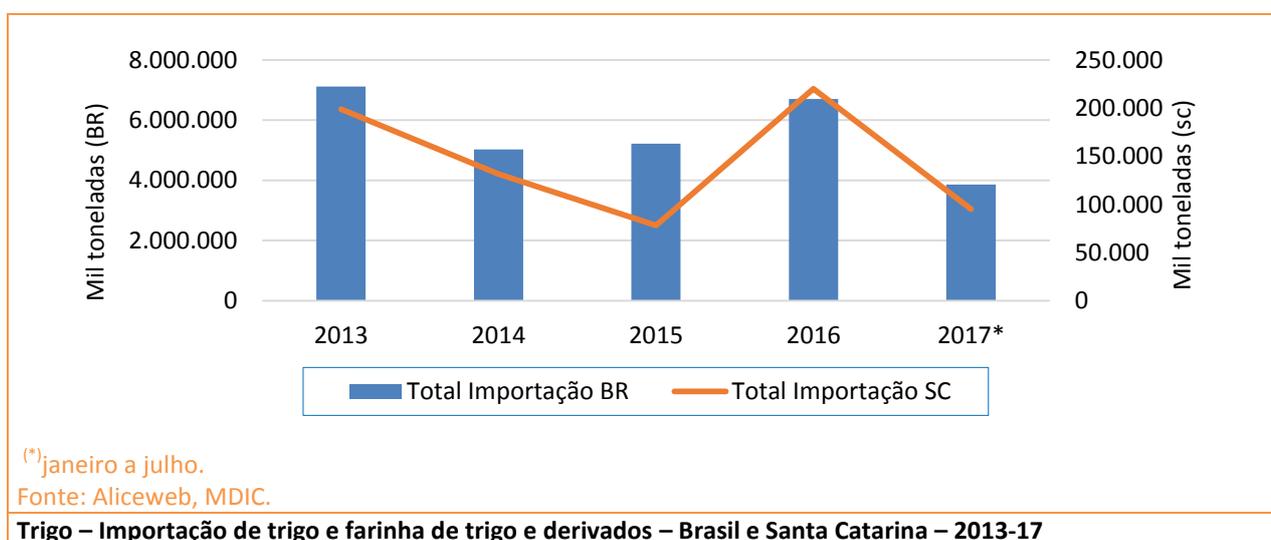
Os preços pagos ao produtor (mercado de balcão) pelo trigo disponível para venda em Santa Catarina no mês de julho teve alta de 3,44%. Já no estado do Paraná, segundo levantamento realizado pelo Seab/Deral, os preços ofertados aos produtores de trigo subiram 7,60%. Em julho a saca de 60kg do cereal ficou cotada a R\$ 35,11, contra R\$ 32,63 no mês de junho. Já no Rio Grande do Sul, segundo dados da Emater/RS, os preços reagiram positivamente, com alta de 5,22%. O preço pago pela saca de 60kg passou de R\$ 30,47 em junho para R\$ 32,06 em julho.

Trigo grão – Preços médios pagos ao produtor safra 2016/17 – R\$/saca de 60kg			
Estado	Jun./2017	Jul./2017	variação (%)
Santa Catarina	33,42	34,57	3,44
Paraná	32,63	35,11	7,60
Rio Grande do Sul	30,47	32,06	5,22

Fonte: Epagri/Cepa (SC), Emater/Ascar (RS), SEAB/Deral (PR).

Referente ao mercado externo, em 2016 Santa Catarina se posicionou na 11ª posição entre os estados brasileiros importadores de trigo, farinha e derivados, o que corresponde a 3,3% de toda importação nacional. Das 220 mil toneladas de trigo importado pelo Estado em 2016, cerca de 64% foi adquirido na forma de trigo grão e 36% na forma de farinha e derivados.

Neste ano, até o mês de julho, segundo dados de importação do Ministério da Indústria e Comércio (MDIC), já importamos cerca de 95 mil toneladas, sendo 56% de trigo grão e 44% de farinha e derivados. Nesse mesmo período, em 2016, havíamos importado cerca de 84 mil toneladas de trigo, ou seja, este anos em que tivemos uma safra abundante e de excelente qualidade, já superamos em 12% as importações do ano de 2016, ano em que tivemos problemas de produção, de rendimento e de qualidade de produto em função de problemas climáticos.



Trigo grão – Comparativo safra 2016/17 e estimativa da atual safra 2017/18									
Microrregião	Safra 2016/17			Estimativa atual safra 2017/18			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Campos de Lages	1700	6030	3.547	920	2792	3.035	-46	-54	-14
Canoinhas	14900	54474	3.656	9280	32634	3.517	-38	-40	-4
Chapecó	16610	46491	2.799	14165	41049	2.898	-15	-12	4
Concórdia	622	1742	2.800	927	2558	2.759	49	47	-1
Curitibanos	10648	44486	4.178	7510	29196	3.888	-29	-34	-7
Ituporanga	1585	4128	2.604	505	1185	2.346	-68	-71	-10
Joaçaba	4790	18590	3.881	3440	13058	3.796	-28	-30	-2
Rio do Sul	445	1045	2.348	225	508	2.258	-49	-51	-4
São Bento do Sul	250	843	3.372	150	450	3.000	-40	-47	-11
São M. do Oeste	2295	7325	3.192	3470	9618	2.772	51	31	-13
Xanxerê	15175	43719	2.881	11475	36693	3.198	-24	-16	11
Outras	68	180	2.647						
Santa Catarina	69088	229052	3.315	52067	169740	3.260	-25	-26	-2

Fonte: Epagri/Cepa (jul./2017).

Em julho atualizamos nossas estimativas de safra para a cultura do trigo em Santa Catarina. São esperados para essa safra 2017/18 o plantio de 53.067ha, número que representa uma redução de cerca de 17.021ha (25%) a menos em relação ao que foi plantado na safra passada. Em todas as importantes microrregiões do Estado houve variação negativa na estimativa de área plantada, com destaque para Canoinhas (-38%), Chapecó (-15%), Joaçaba (-28%), Curitibanos (-29%) e Xanxerê (-24%). Em relação à produção, com a estiagem que atingiu as principais regiões produtoras neste mês de julho, nossos levantamentos apontam que haverá redução significativa da ordem de 26% na produção estadual de trigo em relação a safra passada.

Com a volta das chuvas no estado durante o mês de julho, estimamos que 100% da área destinada ao plantio de trigo já foi semeada. Microrregiões que ainda não concluíram os plantio são: Joaçaba, Curitibanos e Lages. Com a estiagem que atingiu todo estado na segunda quinzena de junho, os produtores tiveram que interromper ou até adiar a semeadura até a volta das chuvas, o que provocou certo atraso nesta etapa do cultivo. Entre os dias 07/07 e 07/08, as chuvas no estado acumularam volumes que variaram de 20 a 55 mm nas principais regiões produtoras de trigo do estado, só então os produtores puderam finalizar a etapa de semeadura.

No campo o que se observa é que o desenvolvimento das plantas ocorre de forma bastante desuniforme, em algumas lavouras se observa plantas amareladas e com sintomas de doenças fúngicas em função de que os tratos culturais (adubações e pulverizações) foram suspensos pela falta de umidade. Com a voltas das chuvas, a expectativa é reverter essa situação com a aplicação de adubação nitrogenada e potássica. O cenário é preocupante e a produtividade das lavouras poderá ficar comprometida.

Já para a segunda quinzena de agosto há indicativo de chuva mais frequente, segundo dados do Epagri/Ciram, é esperado a entrada de nova frente fria em Santa Catarina entre os dias 13 e 14/08, trazendo volumes maiores de chuvas para o estado. Há possibilidade de ocorrência de geada no Planalto Sul e áreas altas do Meio Oeste nas madrugadas de 15 e 16/08.

O desânimo dos produtores nesta safra é evidente, nos últimos anos seja por questões climáticas, seja pelos preços baixos na hora da comercialização, os produtores vem acumulando perdas sucessivas. Contribui para esse desalento, o crescente aumento na importações do cereal, sobretudo da Argentina. Como se não bastasse, o governo federal baixou o preço mínimo de referência para o trigo na Região Sul para esta safra 2017/18 (julho/2017 a junho/2018), que passaram de R\$ 38,65 para R\$ 37,26 pela saca de 60kg, redução de 3,6%.

Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Eng. Agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

Boas perspectivas de produção para a Safra Catarinense.

A Safra Catarinense de alho foi praticamente toda comercializada. Santa Catarina é o principal produtor nacional, com aproximadamente 2.400ha de área plantada na safra 2016/17, participação de 20,8% da área plantada no Brasil e cuja produção, em fase final de fechamento deve ultrapassar as 20 mil toneladas (Epagri/Cepa).

A safra que ora se encerra, desenvolveu-se em condições climáticas muito favoráveis com chuvas adequadas e bem distribuídas durante todo o período de desenvolvimento e colheita da cultura. Condições que associadas ao nível tecnológico das lavouras, contribuíram para uma safra extraordinária em produtividade e qualidade dos bulbos.

A conjuntura de mercado também foi fator positivo ao produto alho nesta safra. Exceto no início de janeiro do corrente ano, que teve um pequeno período de demanda menor do que se apontava como expectativa, todo período de comercialização transcorreu dentro da normalidade e estabilidade. Essa condição permitiu a produtores e cooperativas enfrentar com maior tranquilidade a dinâmica de comercialização da safra, obtendo-se resultados econômicos positivos aos produtores e à cadeia produtiva.

Os resultados da safra 2016/17, propiciaram um ambiente de otimismo em relação à próxima safra que já se encontra em desenvolvimento vegetativo inicial. Lavouras bem implantadas e manejadas com adequadas tecnologias, inclusive irrigação, são preponderantes junto aos produtores do alho catarinense.

Este cenário refletido nacionalmente, também é um alerta aos produtores para que façam uma boa gestão de seus custos de produção das lavouras, pois o mercado da próxima safra deverá apresentar-se mais ofertado e concorrido, e poderá refletir nos preços pagos aos produtores.

Nesse aspecto foi, e ainda é pertinente, o que técnicos de extensão rural, pesquisadores, cooperativas e lideranças do setor estão orientando e alertando para que os produtores deem atenção especial na implantação das lavouras, para uso do alho semente adequado e de qualidade, pois esse é o insumo que tem relação mais direta com o tamanho do bulbo a ser produzido.

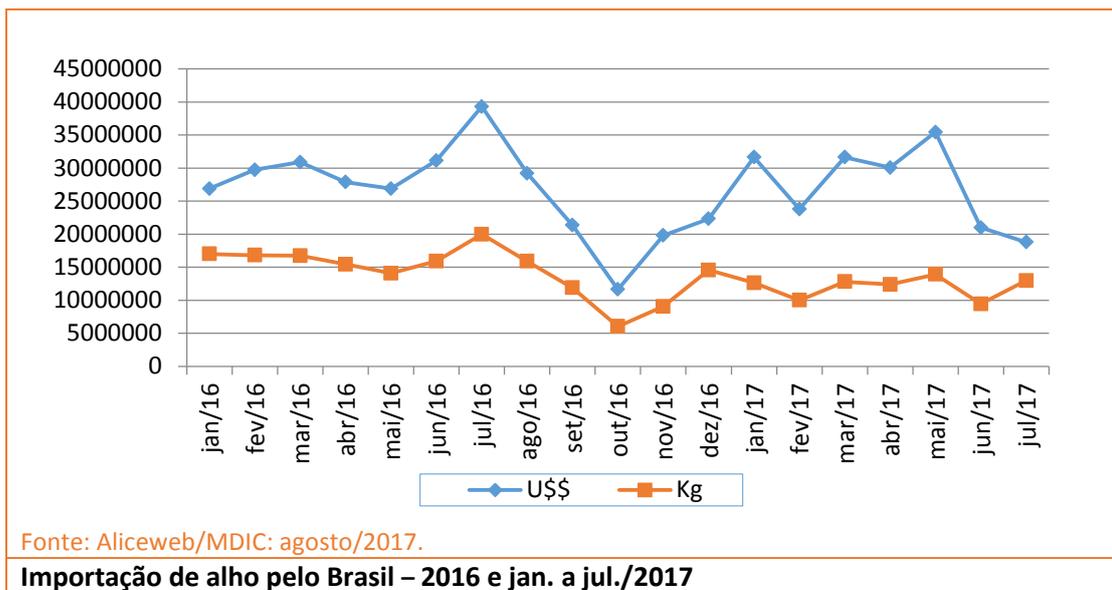
Quanto ao desenvolvimento da safra atual, nos meses de junho e julho Santa Catarina enfrentou período de poucas chuvas, bastante abaixo da média nas regiões produtoras. Na região de Curitiba por exemplo, foram registradas precipitações de somente 50mm. Porém não houveram prejuízos ou perdas na cultura em função de que mais de 95 % das áreas em produção são irrigadas atualmente.

Segundo levantamento da Epagri/Cepa haverá aumento da área plantada em Santa Catarina na ordem de 20% para a safra 2017/18, conforme levantamentos de campo em relação à safra 2016/17.

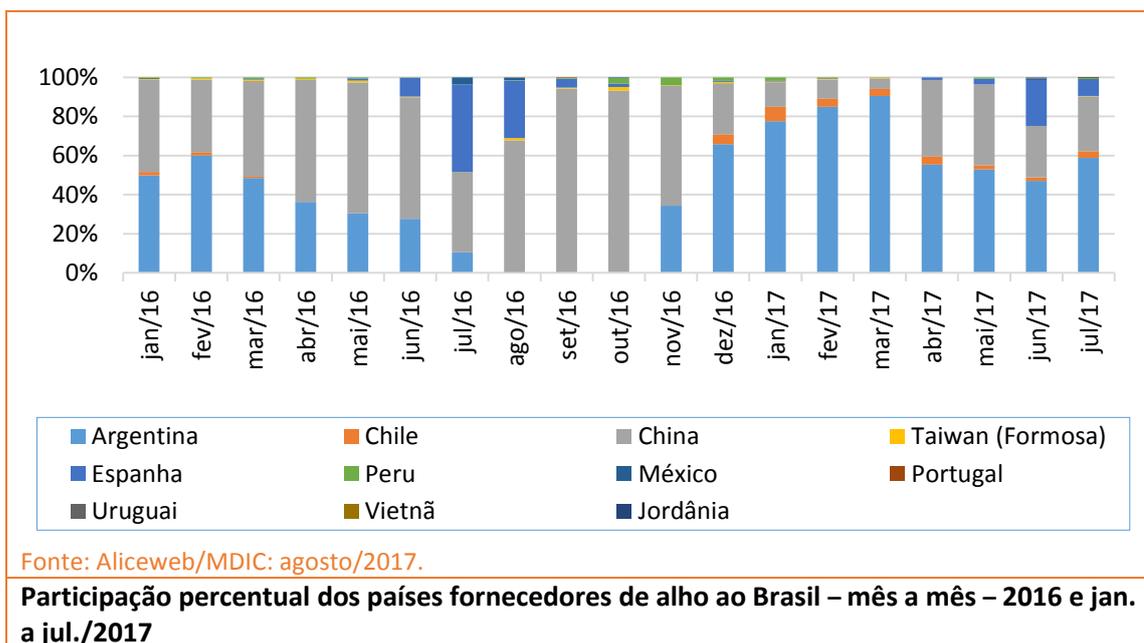
Corroboram para este cenário da próxima safra, fortes indicativos de que a mesma deverá ter grande oferta do produto e tenderá a ser maior que a atual, acirrando dessa forma, a concorrência e disputa de espaço para a comercialização. Esse cenário para a safra 2017/18 tem como base informações de aumento da área de plantio em todas as regiões brasileiras tradicionalmente produtoras e de incremento significativo, segundo algumas fontes apontam, de até 20% na área plantada na nova safra em países tradicionais exportadores de alho, a exemplo da China.

O Brasil, é o segundo maior importador mundial de alho, segundo a FAO/2013. O país mantém volume aproximado de importação do produto semelhante ao ocorrido no ano de 2016. As importações pelo Brasil no mês de julho/17 (Gráfico 01 e tabela 01) foram de 12,97 mil toneladas de alho. Um crescimento de 27,29% em relação ao mês anterior.

O preço médio por quilo de alho importado foi de US\$ 1,45/kg, contra US\$ 2,23 no mês anterior, uma significativa queda de 34,98% no período comparado a um custo total registrado de US\$ 18,78 milhões. Os demais países juntos forneceram apenas 4% do volume total.



Na figura abaixo se apresentam os países fornecedores de alho ao Brasil. No mês de julho/17, os principais fornecedores foram a Argentina, China e Espanha, com 47%, 26% e 23%, respectivamente, das 12,97 mil toneladas importadas.



Importações de alho pelo Brasil – Jan. a jul. de 2016 e 2017 (mil t)								
	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maior	Junho	Julho	Total
2016	17,01	16,80	16,73	15,43	14,08	15,92	19,95	115,92
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	84,10

Fonte: Aliceweb/MDIC – ago./2017.

Comparando-se os meses de julho/16 com julho/17 (Tabela acima), há uma redução de 34,99 % na importação de alho. No total dos primeiros sete meses do ano de 2017 em relação ao mesmo período de 2016, a queda nas importações soma 31,82 mil toneladas, ou seja, redução de 27,45%. Esse quadro de redução nas importações, colaborou para o bom desempenho de resultados econômicos da safra catarinense, pois coincidiu com o período da comercialização da safra do nosso estado. Nos primeiros sete meses de 2016, o custo da importação de alho foi de US\$ de 212,731 milhões, contra US\$ 192,34 milhões em 2017. Porém o custo médio registrado por quilo saltou de US\$ 1,83/kg para US\$ 2,29/kg, no período comparado, um crescimento no custo de 20%.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Eng. Agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

Desenvolvimento inicial da nova safra de cebola é muito bom em Santa Catarina

O estado de Santa Catarina é o maior produtor nacional de cebola, com mais de 20 mil hectares plantados, condição que deve ser mantida para a próxima safra 2017/18, conforme levantamento de campo realizado para Epagri/Cepa/junho/17.

A nova safra de cebola catarinense está no período de implantação e aproximando-se da fase final. De acordo com informações levantadas a campo pela Epagri/Cepa, a tendência é de redução da área de plantio, que pode ficar entre 1 e 5% menor em relação à safra 2016/17. Considerando as dificuldades de comercialização enfrentadas pelos produtores na última safra, pode-se considerar que, se confirmada, é uma redução muito pequena. Esta situação é positiva e indica que a cadeia produtiva da cebola em Santa Catarina é bem estruturada e tem condições de enfrentar as possíveis adversidades do mercado com certo equilíbrio.

Esse quadro é indicativo importante da consolidação estrutural da cadeia produtiva da cebola em Santa Catarina, onde produtores das regiões mais tradicionais de cultivo da hortaliça em nosso estado, em função de sua identidade histórica e cultural com o produto, bem como a estrutura das propriedades e relações de mercado construídas nas últimas décadas, dentre outros componentes intrínsecos à cadeia produtiva, devem implantar suas lavouras de modo que Santa Catarina mantenha sua posição de destaque no ranking nacional de principal produtor.

A tendência constatada a campo desde o início de implantação de safra é de crescimento das variedades precoces e super precoces em relação às de ciclos mais tardios. Contribuíram para esse comportamento os resultados da comercialização da última safra, considerados abaixo das expectativas pelo setor de forma geral.

O esforço dos produtores é no sentido de antecipar a oferta de parte da produção da próxima safra na tentativa de alongar ou distribuir a comercialização por período maior, buscando melhores resultados econômicos da atividade.

A cultura da cebola em nosso estado se encontra no estágio inicial de desenvolvimento vegetativo. As condições climáticas com baixas precipitações nos últimos meses, estão favorecendo o bom desenvolvimento da cultura do ponto de vista fitossanitário que, associada a tecnologia e manejo utilizado pelos agricultores está propiciando um desenvolvimento excelente das lavouras. Essas condições estão proporcionando as bases para que os materiais genéticos utilizados possam manifestar seu potencial de alta produtividade e qualidade dos bulbos. Evidente que os períodos mais críticos para a cultura ainda estão por vir até o fechamento do ciclo produtivo e colheita.

Essas condições iniciais de desenvolvimento da cultura indicam tendência de uma nova grande safra em Santa Catarina a exemplo da última, na qual o estado bateu recorde de produção bruta, que segundo dados da Epagri/Cepa, ultrapassaram as 600 mil toneladas na safra 2016/17.

As condições climáticas nas regiões tradicionais de produção da hortaliça, como Ituporanga, onde foram registradas precipitações abaixo de 50 mm nos meses de junho e julho, que além de insuficiente foram mal distribuídas no período.

Porém a falta de chuvas, especialmente nos meses de junho e julho, não chegou a causar problemas de perdas para a cultura. No campo a situação foi contornada pelo avanço que tivemos nos últimos anos em termos de estrutura de irrigação nas unidades de produção. Como a cultura estava no seu início de ciclo produtivo, a demanda hídrica não era tão elevada, de modo que facilitou a superação da situação.

Mantendo-se as condições atuais de clima nas regiões produtoras, os cebolicultores catarinenses devem alcançar produção e produtividades acima de 30 toneladas por hectare, portanto mantendo o patamar de produção alcançado na safra 2016/17.

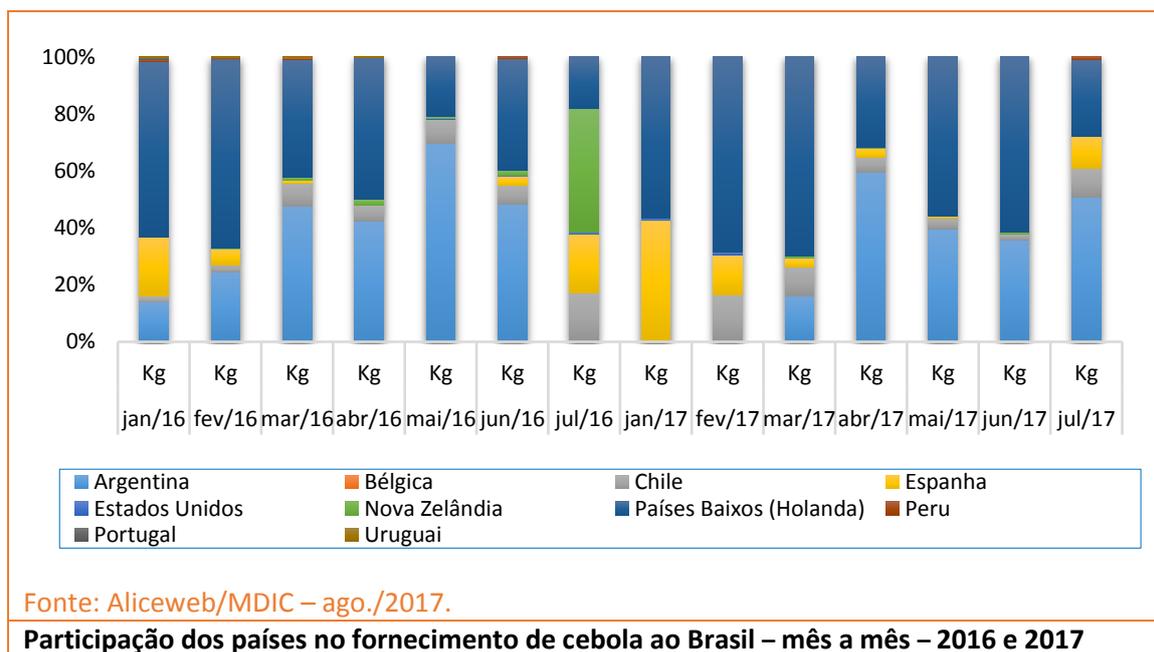
Com relação ao mercado nacional, com a finalização da comercialização da safra sulista está sendo abastecido pelas produções de regiões como o Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, Região de Cristalina GO, Bahia e SP.

No último período, as condições de mercado foram alteradas pela menor oferta de cebola e como consequência os preços reagiram positivamente, notadamente a partir do início do mês de julho. Por ora, os preços recuaram aproximadamente 20% em relação ao início do mês de julho, porém mantem-se em patamares muito superiores ao primeiro semestre deste ano, quando a safra sulista foi comercializada.

Nos principais mercados atacadistas do Sul, Sudeste e Nordeste, a cebola está sendo comercializada, variando de R\$ 1,50 a 1,75/kg no atacado de Santa Catarina, São Paulo e Salvador; e até R\$ 2,50/kg na praça de Fortaleza.

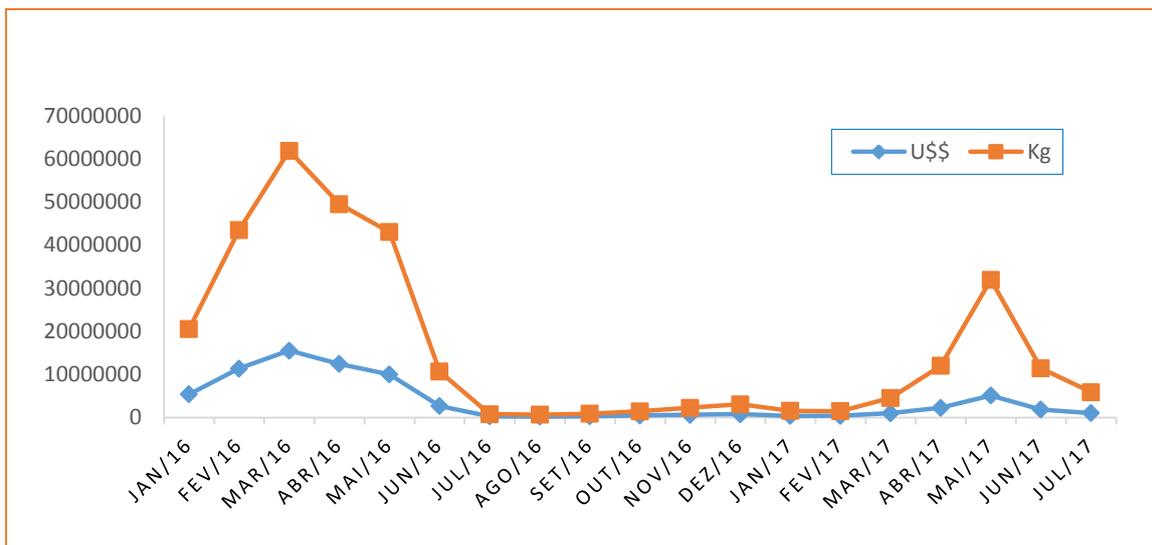
A importação de cebola para o Brasil, no mês de julho foi comandada pela entrada de cebola argentina e holandesa e por volumes menores oriundos da Espanha e Chile (Figura abaixo).

Comparando-se os meses de julho de 2016 com julho de 2017, temos alteração no quadro de fornecedores com o aumento de volume de cebola oriundo da Argentina e Holanda, em detrimento da participação da Nova Zelândia em 07/2016.



A Figura a seguir nos mostra a evolução do ocorrido no ano de 2016 e de janeiro a julho de 2017, em relação as importações de cebola no Brasil. Houve crescimento nos meses de abril e maio e redução nos meses de junho e julho do corrente ano. Em volume, as importações de julho somaram 4,82 mil toneladas, que é praticamente igual ao volume de julho/16, com dispêndio para o país de US\$ 1,05 milhão.

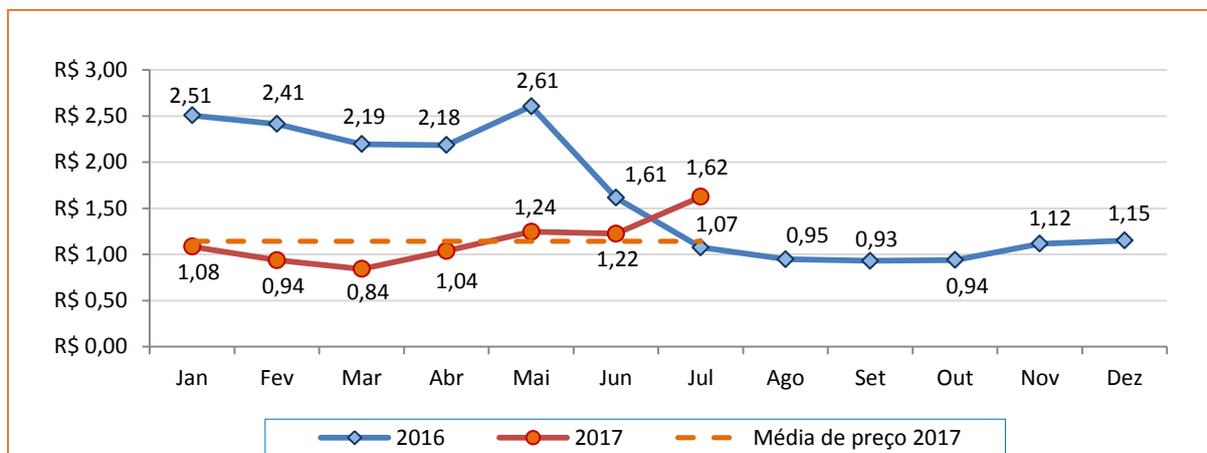
Comparando-se os primeiros sete meses de 2016 com o mesmo período de 2017, as importações de cebola pelo Brasil foram de 176,429 mil toneladas e 56,784 mil toneladas, respectivamente. Uma queda de 67,81 % no período. Esta deveu-se pela maior oferta interna do produto decorrente da super safra brasileira.



Fonte: Aliceweb/MDIC – ago./2017.

Importação de cebola pelo Brasil – 2016 e 2017

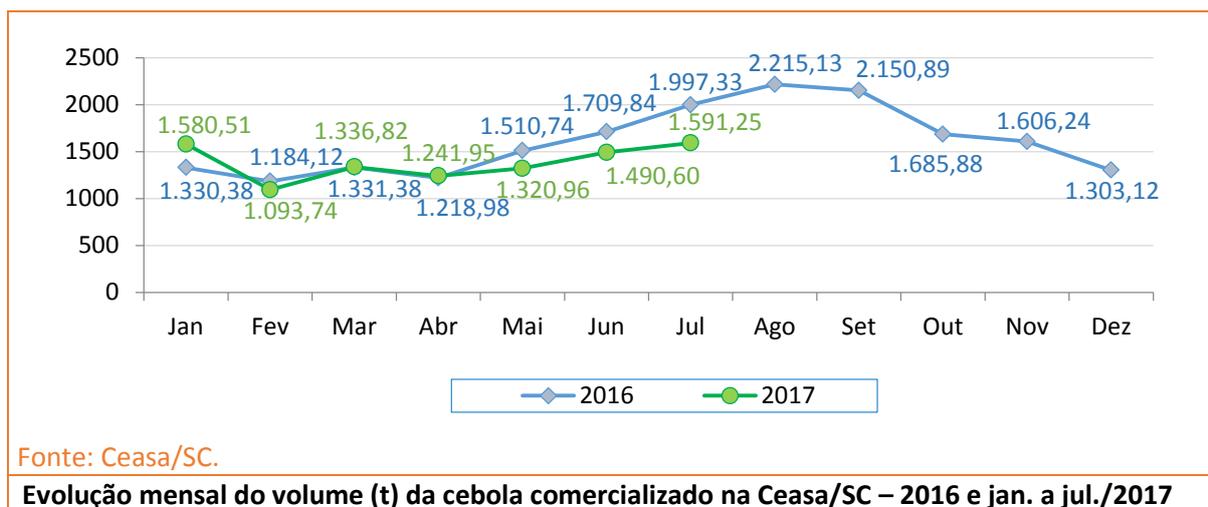
No mercado atacadista da Ceasa/SC – Unidade de São José, no mês de julho houve significativo aumento de preço da cebola em relação ao mês anterior. O aumento de preço no atacado foi de 24,69 %, acompanhando o movimento de mercado que ocorreu no país (Figura abaixo).



Fonte: Ceasa/SC.

Evolução mensal do preço médio ponderado por quilo da cebola na Ceasa/SC – Unidade de São José – 2016 e jan. a jul./2017

Ainda em relação ao mercado atacadista na Ceasa/SC – Unidade de São José, o volume de comercialização no mês de julho de 2017 teve crescimento de 6,32% em relação a junho. Embora haja crescimento mensal, o volume comercializado no mês de julho de 2017 é de 406,08 toneladas menor que no mesmo mês de 2016, significando uma redução de 20,33%. Esta redução pode estar associada a redução de consumo ou seja, ao comportamento do consumidor nos últimos meses.



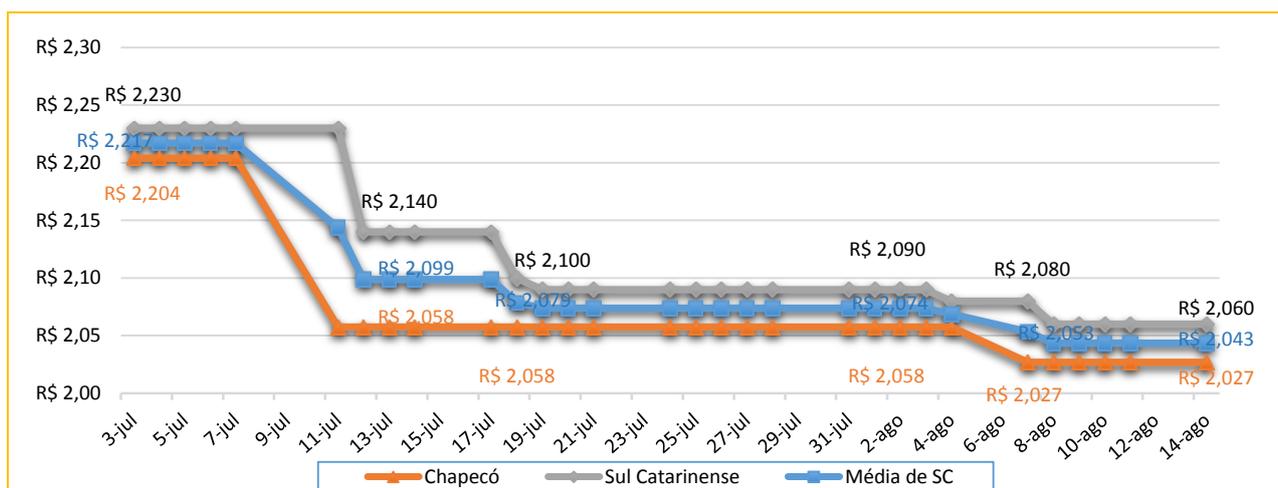
Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Após atingir os maiores valores nominais já registrados (entre a segunda quinzena de agosto e a primeira de setembro de 2016), os preços do frango vivo em Santa Catarina passaram a apresentar constantes quedas, intercaladas por algumas pequenas elevações. Nas últimas semanas tem se observado mais uma vez oscilações negativas nas duas praças de coleta de informações no Estado. No Sul Catarinense a variação foi de -6,28% durante o mês de julho, concentrada entre os dias 10 e 20. Nas duas primeiras semanas de agosto também já ocorreram algumas pequenas quedas naquela região, as quais somaram -1,44%. A variação acumulada desde o início de julho é de -7,62%.

Chapecó, por sua vez, registrou queda de -6,65% na segunda semana de julho. No restante do mês o preço manteve-se estável. Contudo, no início da segunda semana de agosto observou-se nova queda, dessa vez menos expressiva (-1,49%). A variação acumulada desde o início de julho é de -8,04%.



⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

Fonte: Epagri/Cepa.

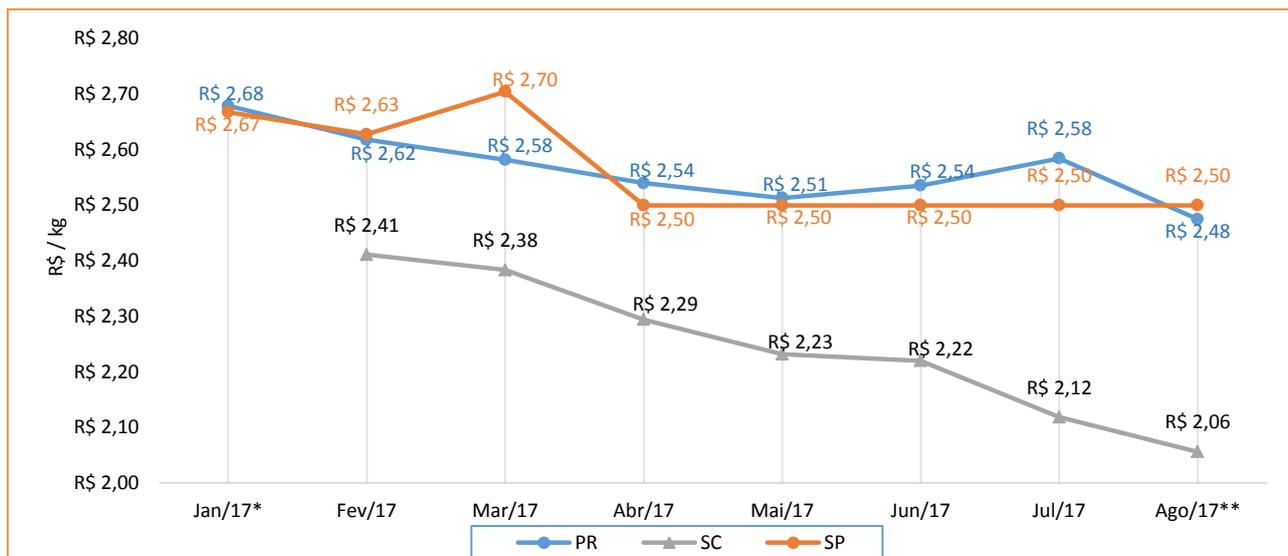
Frango vivo – Preço médio nominal⁽¹⁾ diário para avicultores de duas regiões de Santa Catarina e média estadual – 3/jul. a 14/ago./2017

Os preços de 14 de agosto (data de conclusão deste artigo), em relação àqueles praticados em 13 de março (última coleta realizada antes da deflagração da Operação Carne Fraca), apresentam variações de -13,87% em Chapecó, -14,88% no Sul Catarinense e -14,38% na média estadual. Conforme apontado anteriormente, não é possível atribuir a atual tendência de baixa exclusivamente à crise provocada pela Operação Carne Fraca, já que as oscilações negativas se iniciaram ainda no final do 3º trimestre de 2016. Contudo, é perceptível a acentuação desse movimento após a operação em questão.

Ao comparar os preços em Santa Catarina com outros dois importantes estados produtores (Paraná e São Paulo), percebe-se que, apesar de alguns comportamentos distintos ao longo dos últimos meses, o ponto em comum de todos eles é o recuo nos preços a partir do início deste ano.

Conforme já evidenciado nos parágrafos anteriores, entre julho e agosto Santa Catarina mais uma vez registrou queda. O preço médio estadual de agosto (preliminar) é 2,94% menor que a média de julho. O Paraná, que havia registrado variações positivas em junho e julho, voltou a apresentar queda (-4,23%) nas duas primeiras semanas de agosto em relação ao mês anterior. Em São Paulo, por sua vez, o preço se manteve inalterado, o que já vem sendo observado desde maio.

Em relação aos preços médios praticados nesses três estados em agosto de 2016, os valores atuais apresentam defasagens bem significativas: -20,74% em São Paulo, -17,43% em Santa Catarina e -15,26% no Paraná. A inflação acumulada nos últimos 12 meses, registrada pelo IGP-DI/FGV, foi de -1,42%.



⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

* Não há dados de Santa Catarina para o mês de janeiro/2017.

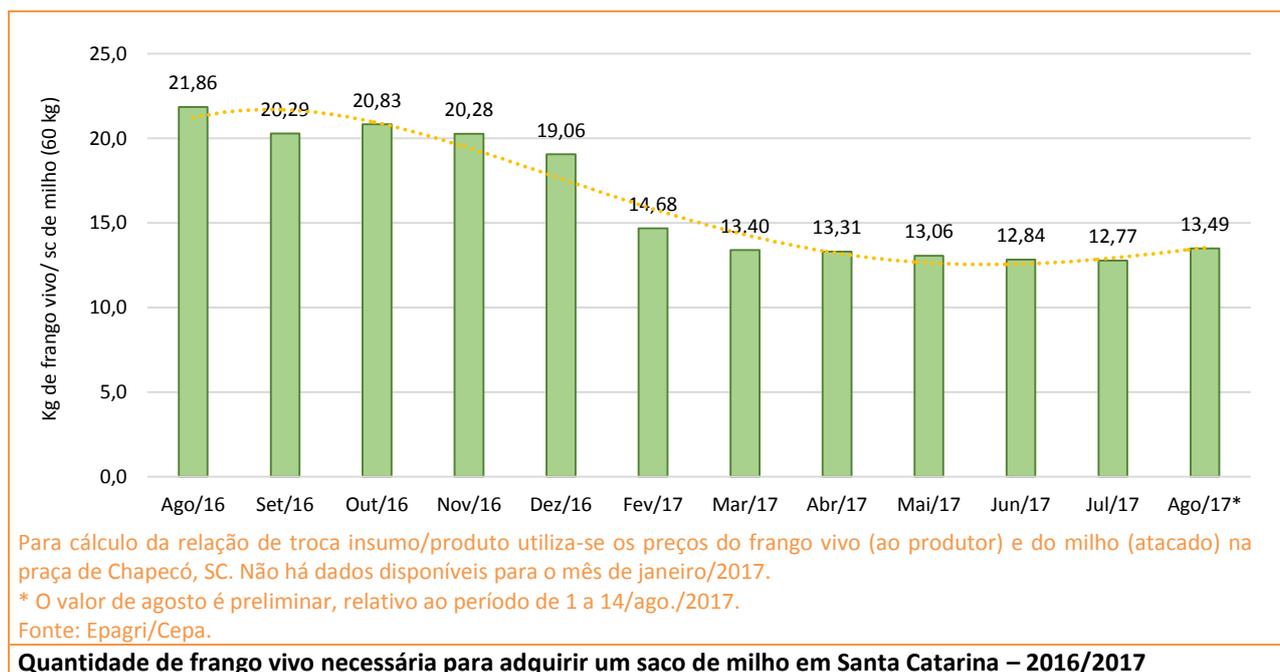
** Os valores de agosto são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/ago./2017.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); IEA (SP); SEAB (PR).

Frango vivo – Preço médio nominal⁽¹⁾ mensal para avicultores em Santa Catarina, São Paulo e Paraná – 2017

Desde o quarto trimestre de 2016 vem se observando quedas expressivas nos custos de produção, principalmente em função do recuo no preço do milho nesse período. Contudo, nos últimos meses o Índice de Custos de Produção do Frango (ICPFrango), calculado pela Embrapa Suínos e Aves, tem registrado diminuição no ritmo de queda. Em julho o ICPFrango caiu 0,43% em relação ao mês anterior. No ano, esse indicador acumula queda de 16,70%, principalmente em função da redução nos custos com alimentação (-15,50% no ano). Nos últimos 12 meses, a variação no ICPFrango foi de -23,75%.

A relação de troca insumo/produto, índice calculado pela Epagri/Cepa, que vinha apresentando quedas constantes desde novembro de 2016, em agosto registrou elevação pela primeira vez no ano. A variação até o momento é de 5,58%. Ressalta-se que os valores do presente mês são preliminares, podendo sofrer alterações no decorrer da segunda quinzena.



Quantidade de frango vivo necessária para adquirir um saco de milho em Santa Catarina – 2016/2017

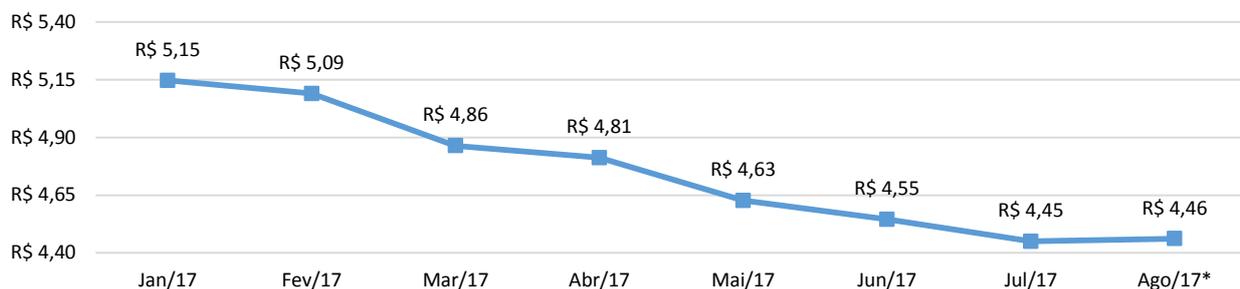
A variação positiva observada neste mês é decorrente da soma de dois fatores: a queda no preço do frango vivo, conforme já detalhado anteriormente, e o aumento no preço do milho. O preço de atacado do saco de milho na região de Chapecó apresentou elevação de 2,80%, sendo esse o primeiro movimento de alta observado desde outubro do ano passado. O preço atual é 48,86% inferior ao de agosto de 2016 e 4,45% abaixo daquele praticado no mesmo mês de 2015.

Apesar da oscilação positiva no preço, o último levantamento de safra da Conab mais uma vez apontou elevação da expectativa de colheita. Conforme o 11º Relatório de Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos 2016/17, a produção da 1ª safra na temporada 2016/17 foi de 30,51 milhões de toneladas de milho, aumento de 18,50% em relação à safra anterior. Para a 2ª safra as estimativas indicam a produção de 66,68 milhões de toneladas, aumento de 63,50% (o relatório anterior previa a colheita de 65,63 milhões de toneladas na safrinha). A produção total deve ser de 97,19 milhões de toneladas de milho (46,08% acima do montante colhido na safra anterior).

Já em Santa Catarina, a Epagri/Cepa manteve a expectativa de colheita divulgada em junho, ou seja, 3,14 milhões de toneladas de milho na 1ª safra e 85,6 mil toneladas na 2ª safra, perfazendo uma produção total de 3,23 milhões de toneladas, aumento de 18,45% em relação à safra passada.

No início de agosto, o Usda revisou a produção de milho dos Estados Unidos para 359,5 milhões de toneladas, 6,6% menor do que a colheita anterior. Essa informação ajuda a explicar os recentes aumentos no preço do milho, mesmo com os bons resultados da safra brasileira.

Apesar da instabilidade econômica e da demanda retraída, observou-se aumento nos preços de atacado de alguns cortes de frango em agosto, na comparação com o mês anterior. A maior variação ocorreu no preço do peito com osso congelado, que aumentou 1,43%. Já o frango inteiro congelado apresentou um leve aumento de 0,26%. Embora o percentual seja pequeno, foi a primeira oscilação positiva este ano, conforme fica evidenciado no gráfico a seguir. Por outro lado, a coxa/sobrecoxa congelada e o filé de peito congelado apresentaram quedas de 1,64% e 2,88%, respectivamente.

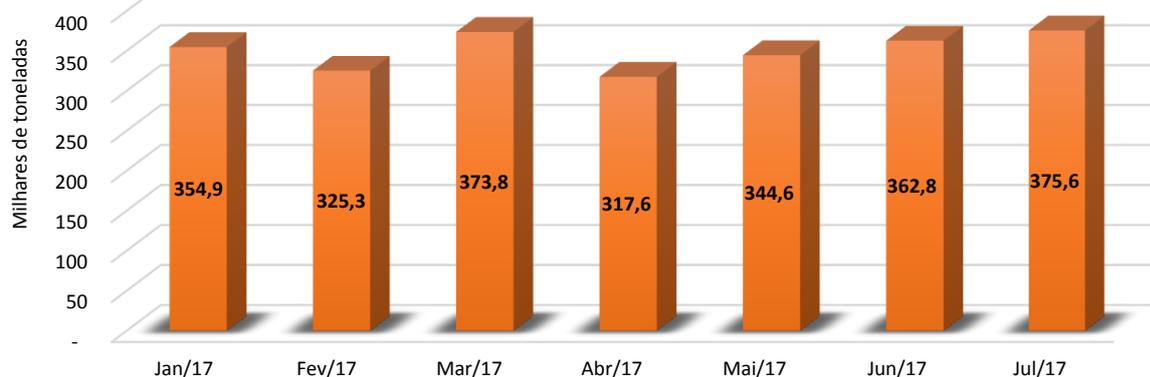


* O valor de agosto é preliminar, relativo ao período de 1 a 14/ago./2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

Frango inteiro congelado – Preço médio mensal estadual em Santa Catarina – 2017

Gradativamente o mercado externo vem se recuperado do baque inicial, após a deflagração da Operação Carne Fraca. Pelo terceiro mês consecutivo as exportações de carne de frango registraram aumento em termos de quantidade embarcada. De acordo com os dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), em julho o Brasil exportou 375,63 mil toneladas de carne de frango (*in natura* e industrializada), aumento de 3,54% em relação a junho. Esse montante é 5,49% maior que o exportado em julho de 2016, representando ainda o recorde deste ano.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

Exportações de carne de frango – Brasil – 2017

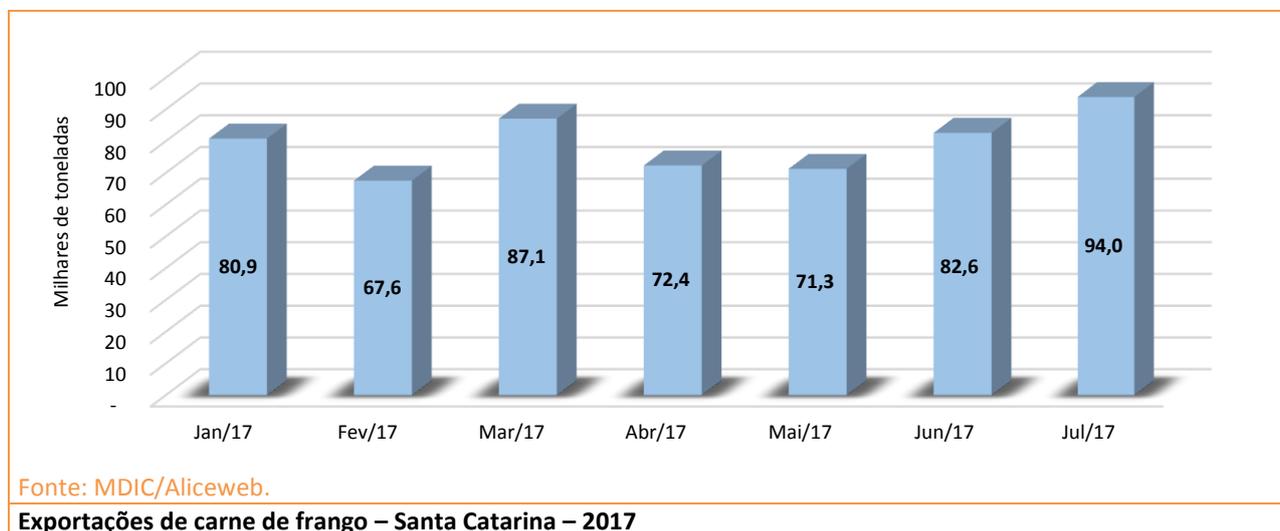
Quanto às receitas, em julho atingiram o montante de US\$ 606,21 milhões, pequena queda de 0,21% em relação a junho. No entanto, na comparação com julho de 2016 a variação foi positiva em 1,67%.

As receitas acumuladas nos primeiros sete meses deste ano atingiram US\$ 4,14 bilhões, aumento de 5,13% em relação ao mesmo período de 2016. A quantidade exportada, por sua vez, foi de 2,45 milhões de toneladas, montante 4,98% menor do que no ano anterior.

Os principais destinos da carne de frango brasileira em julho foram Arábia Saudita, Japão e China, que juntos responderam por 36,15% das receitas do País com esse produto.

Os dados do MDIC referentes às duas primeiras semanas de agosto apontam aumento na média diária de embarques de carne de frango *in natura* em relação a julho: 2,0% em quantidade e 7,0% em valor. Na comparação com agosto de 2016 os resultados preliminares são mais expressivos: aumento de 20,5% em quantidade e 21,7% em valor.

Santa Catarina, que já havia apresentado crescimento expressivo na quantidade exportada em junho (15,83% acima de maio), voltou a repetir o bom desempenho em julho, quando o Estado exportou 93,96 mil toneladas (aumento de 13,71% na comparação com o mês anterior), o melhor resultado deste ano. Esse montante representa ainda um incremento de 18,57% em relação ao que foi exportado em julho de 2016.



Em relação às receitas das exportações catarinenses de frango, o mês de julho registrou o segundo melhor resultado do ano, com US\$164,41 milhões, aumento de 7,62% em relação ao mês anterior e de 11,20% na comparação com julho de 2016.

As receitas acumuladas nos primeiros sete meses atingiram US\$1,03 bilhão, aumento de 6,90% em relação ao ano anterior. Contudo, em termos de quantidade os números ainda são negativos: queda de 4,08% nos embarques deste ano (555,87 mil toneladas) na comparação com o mesmo período de 2016.

Os três principais destinos da carne catarinense em julho foram Japão, Países Baixos (Holanda) e Arábia Saudita, que responderam por 34,23% das exportações do Estado.

Principais destinos das exportações de carne de frango – Santa Catarina – Jul./2017		
País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	27.191.527,00	13.602
Países Baixos (Holanda)	15.374.680,00	7.032
Arábia Saudita	13.705.311,00	8.273
China	13.407.542,00	7.658
México	9.235.699,00	4.249
Demais países	85.493.195,00	53.144
Total	164.407.954,00	93.959

Fonte: MDIC/Aliceweb.

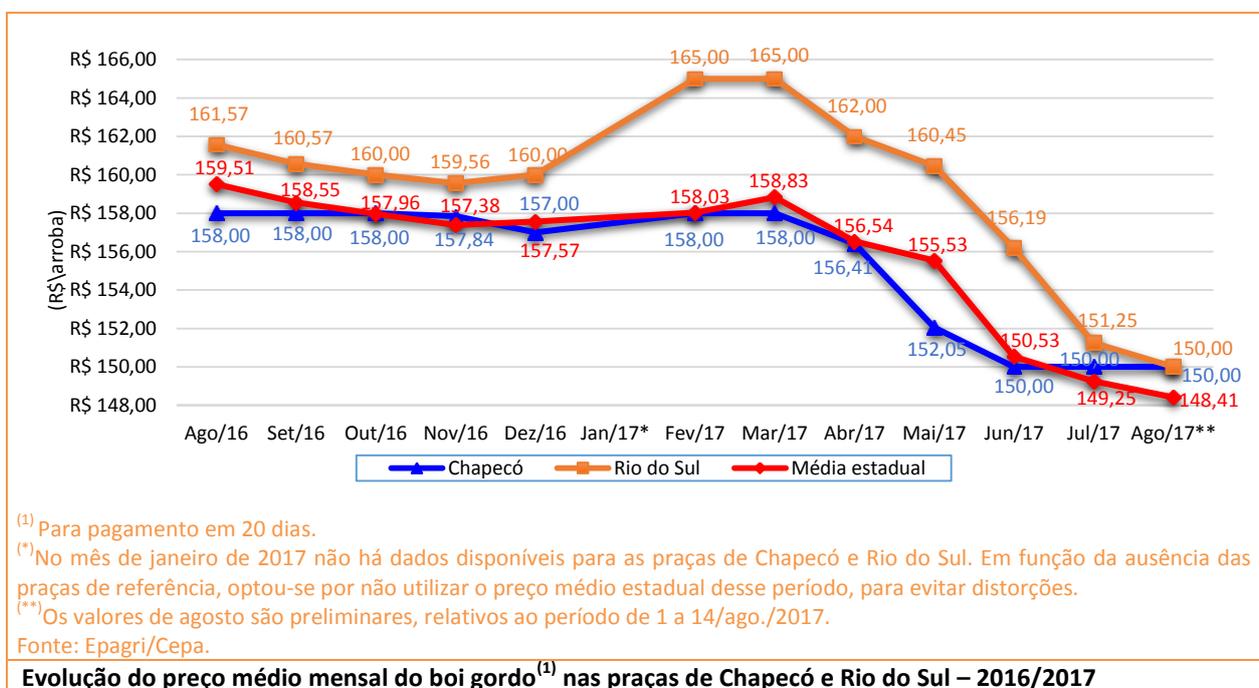
Chama atenção a saída da China do “pódio” de principais destinos do frango catarinense em julho. Embora ainda ocupe a segunda posição no acumulado do ano, nos últimos meses observou-se redução no ritmo das importações chinesas de carne oriunda do Brasil. Em julho, por exemplo, a quantidade exportada por Santa Catarina para aquele país foi 17,10% menor do que no mesmo mês do ano anterior. Em termos de valor, a queda foi maior ainda: -22,95%. A queda mais significativa ocorreu após a Operação Carne Fraca.

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandre giehl@epagri.sc.gov.br

O mercado nacional do boi gordo mantém a tendência predominante de queda observada desde o segundo semestre do ano passado e acentuada após a deflagração da Operação Carne Fraca, situação semelhante ao que vem sendo observado em Santa Catarina, embora um pouco mais tardiamente.

Em agosto, as duas praças de referência para o boi gordo em Santa Catarina apresentaram comportamentos distintos, o que já havia sido verificado em julho. Em Chapecó o preço manteve-se novamente inalterado em relação a julho. Já em Rio do Sul, pelo quinto mês consecutivo registra-se queda, dessa vez de 0,83%. No mês anterior a variação foi mais expressiva, atingindo -3,16%. A média estadual (que inclui 8 praças de coleta de preços) também apresentou oscilação de -0,55% em agosto, índice um pouco abaixo daquele registrado em julho (-0,85%). Quando comparados a agosto de 2016, os preços atuais apresentam variação de -5,06% em Chapecó, -7,16% em Rio do Sul e -6,96% na média estadual.

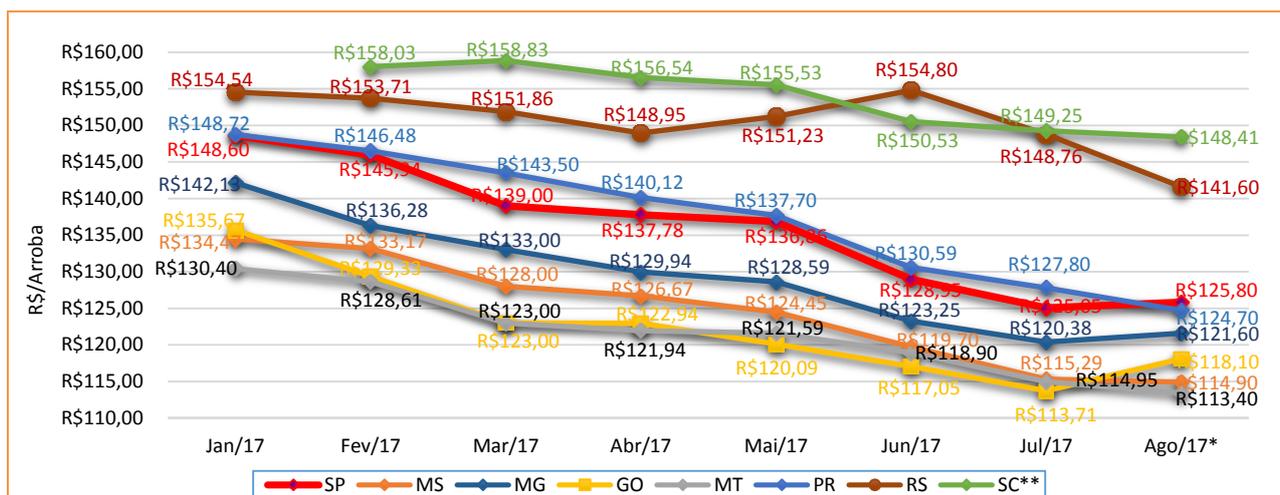


No cenário nacional, embora a tendência majoritária seja de queda, a situação é um pouco mais favorável do que no mês anterior. Em julho, todos os oito estados analisados apresentaram variação negativa nos preços. Já em agosto, até o momento verifica-se queda nos preços preliminares em cinco estados e aumento em três. Assim como já havia acontecido no mês anterior, em agosto novamente a maior variação negativa ocorre no Rio Grande do Sul, onde o preço preliminar da arroba registra queda de 4,81%. Na sequência, estão Paraná (-2,43%), Mato Grosso (-1,35%), Santa Catarina (-0,56%) e Mato Grosso do Sul (-0,33%). Os estados que registraram variações positivas foram Goiás (3,86%), Minas Gerais (1,01%) e São Paulo (0,60%).

Tendo em vista que o consumo de carne bovina segue desaquecido em decorrência da crise e da competição com outras proteínas de origem animal, qual seria a razão dessas sinalizações de mudança no comportamento do mercado do boi gordo? Segundo alguns analistas do setor, a explicação estaria na baixa disponibilidade de animais prontos para o abate, tanto em decorrência da entressafra (período de seca na

região Centro Oeste) quanto do baixo ritmo de reposição dos rebanhos (efeito da crise que atinge o setor desde 2015 e desestimula investimentos mais significativos por parte dos pecuaristas). Também é necessário levar em consideração nessa análise o aumento das exportações, conforme veremos adiante.

É possível entender o desestímulo do setor ao se comparar os preços atuais com aqueles praticados no mesmo período do ano passado. Em relação a agosto de 2016, a arroba do boi gordo apresenta as seguintes variações: -17,00% em Mato Grosso do Sul, -16,93% em São Paulo, -15,56% em Mato Grosso, -15,00% no Paraná, -14,01% em Goiás, -11,27% em Minas Gerais, -9,46% no Rio Grande do Sul e -6,96% em Santa Catarina. A inflação acumulada nos últimos 12 meses, calculada pelo IGP-DI/FGV, foi de -1,42%.



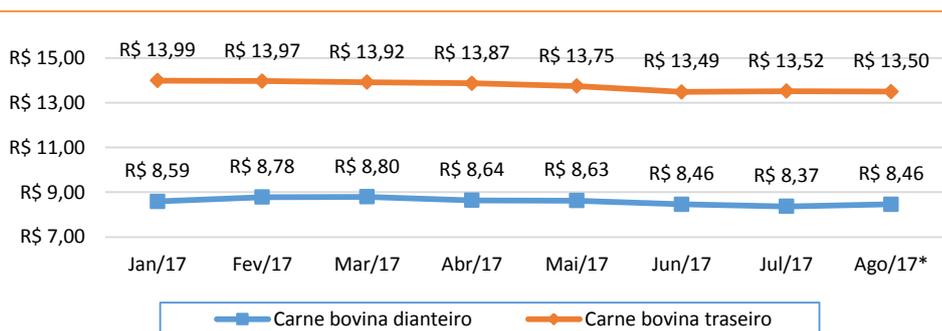
** Os valores de agosto são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/ago./2017.

** Tendo em vista a ausência de dados das praças de referência (Chapecó e Rio do Sul) para o mês de janeiro, optou-se por não utilizar o preço médio estadual de SC para esse período.

Fonte: Epagri/Cepa⁽¹⁾; Cepea⁽²⁾; SEAB⁽³⁾; Nespro⁽⁴⁾ (2017).

Evolução dos preços da arroba de boi gordo em SC⁽¹⁾, SP⁽²⁾, MG⁽²⁾, GO⁽²⁾, MT⁽²⁾, MS⁽²⁾, PR⁽³⁾ e RS⁽⁴⁾ – 2017

O atacado, por sua vez, mantém-se relativamente estável em agosto, não obstante a variação de 1,04% na carne bovina de dianteiro registrada pela Epagri/Cepa. Ressalta-se que o dianteiro havia registrado queda



*Os valores de agosto são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/ago./2017.

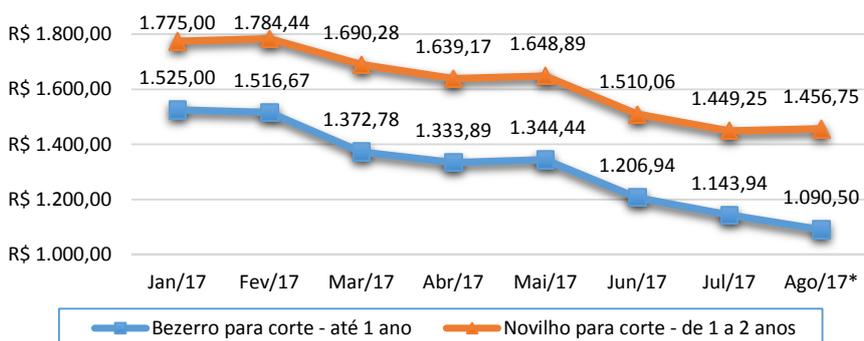
Fonte: Epagri/Cepa.

Carne bovina – Atacado – Preço médio mensal estadual de dianteiro e traseiro em Santa Catarina – 2017

em percentual semelhante em julho. Com a variação positiva deste mês, ele volta ao patamar de junho. Já a carne bovina de traseiro apresentou leve oscilação negativa (-0,12%), também praticamente voltando ao patamar de junho.

O aumento na carne de dianteiro provavelmente está relacionado a uma

menor disponibilidade de carne bovina, em decorrência dos fatores mencionados anteriormente. Quanto ao comportamento distinto entre os dois cortes, é importante lembrar que em situações de restrição financeira, o consumidor tende a substituir os cortes de maior valor (traseiro) por outros mais baratos (dianteiro), provocando uma maior demanda desses últimos.



*Os valores de agosto são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/ago./2017.

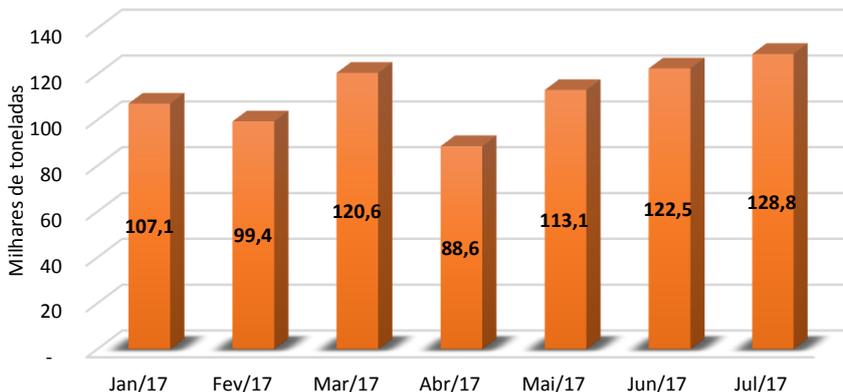
Fonte: Epagri/Cepa.

Evolução dos preços de bezerro e novilho para corte em SC – Preço médio estadual – 2017

das praças os preços se mantiveram estáveis, com exceção de Canoinhas, o que acabou influenciando a média estadual. Naquela praça, o preço do bezerro até 1 ano passou de R\$1.125,00 na primeira semana de julho, para R\$1.000,00 no início de agosto. Por outro lado, o novilho de 1 a 2 anos, que era vendido a R\$1.350,00 no início de julho, em agosto atingiu o preço de R\$1.500,00.

Conforme comentado anteriormente, um dos fatores responsáveis pelo “enxugamento” do mercado de carne bovina tem sido a exportação. Apesar das dificuldades iniciais ocasionadas pela Operação Carne Fraca e, posteriormente, pela suspensão da importação de carne bovina *in natura* pelos Estados Unidos, aparentemente o setor tem se recuperado nos últimos meses, obtendo bons resultados nas exportações.

De acordo com o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), em julho o Brasil exportou 128,83 mil toneladas de carne bovina (*in natura*, industrializada e miúdos), aumento de 5,18% em relação a junho e 22,99% na comparação com julho de 2016.



Fonte: MDIC / Aliceweb.

Exportações de carne bovina – Brasil – 2017

As receitas, por sua vez, foram de US\$ 537,86 milhões em julho, aumento de 6,04% em relação ao mês anterior e de 37,71% na comparação com julho de 2016.

Mesmo com os resultados positivos do último trimestre, no acumulado dos primeiros sete meses os números ainda não são tão favoráveis, quando comparados com o mesmo período do ano anterior: 780,08 mil toneladas (-4,53%) e US\$ 3,17 bilhões (1,09%).

Os cinco maiores principais destinos da carne bovina brasileira em julho foram Hong Kong, China, Egito, Irã e Rússia, responsáveis por 65,24% das receitas geradas com esse produto. Diferentemente do que vem acontecendo com as carnes suína e de frango, a China tem aumentado suas importações de carne bovina brasileira nos últimos meses. Em relação a julho de 2016, registra-se crescimento de 303,40% em termos de valor e de 358,69% em quantidade. Hong Kong também apresentou crescimento significativo entre julho de 2016 e julho de 2017: 86,45% em valor e 59,27% em quantidade.

Principais destinos das exportações de carne bovina – Brasil – Jul./2017		
País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Hong Kong	126.042.247,00	32.197
China	70.088.067,00	16.123
Egito	64.380.914,00	18.053
Irã	47.006.980,00	10.934
Rússia	43.382.258,00	13.086
Demais países	186.960.786,00	38.432
Total	537.861.252,00	128.825

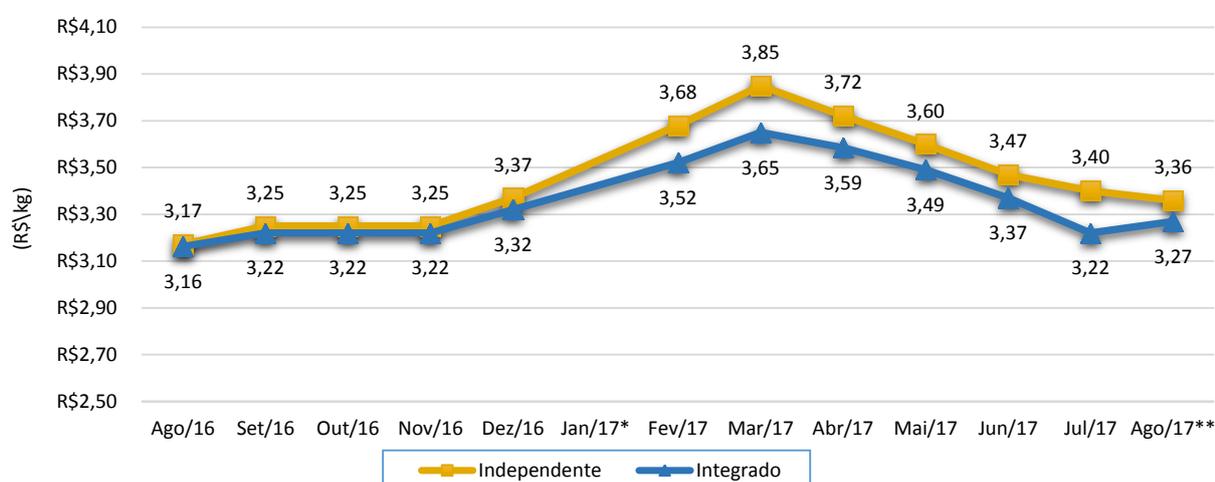
Fonte: MDIC/Aliceweb.

Os dados referentes às duas primeiras semanas de agosto, divulgados pelo MDIC, apontam aumento na média diária de embarques de carne bovina *in natura* em relação a julho: 7,0% em valor e 2,0% em quantidade. Na comparação com agosto de 2016, os resultados preliminares são ainda mais positivos: aumento de 44,7% em valor e 44,6% em quantidade. Embora esses valores ainda sejam preliminares, indicam que agosto provavelmente terá resultados favoráveis.

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Após quatro meses seguidos de quedas, os preços do suíno vivo ao produtor começam a apresentar sinais de recuperação, ainda que tímida até o momento. Conforme já citado em outras ocasiões, o movimento de baixa começou na segunda quinzena de março, após a deflagração da Operação Carne Fraca. Em Chapecó, praça de referência para o suíno vivo, o preço de agosto (preliminar) para o produtor integrado apresenta aumento de 1,55% em relação ao mês anterior. No caso dos produtores independentes ainda se registra variação negativa, embora numa taxa menor do que o observado nos meses anteriores (-1,18%, ante uma queda de 12,23% acumulada nos quatro meses anteriores). Quando comparados aos preços praticados em agosto de 2016, os valores atuais apresentam vantagem: 5,95% para o produtor independente e 3,40% para o integrado.



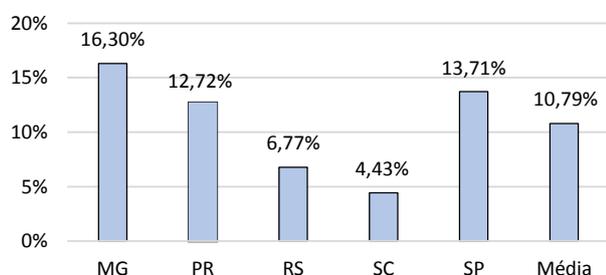
* Não há dados disponíveis para a praça de Chapecó no mês de janeiro/2017.

** Os valores de agosto são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/ago./2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

Suíno vivo – Preço médio mensal para produtor independente e integrado na praça de Chapecó, SC – 2016/2017

Ao analisar a situação do mercado de alguns dos mais importantes estados produtores, é possível afirmar que o movimento de alta é difundido e predominante, conforme explicita o gráfico abaixo.



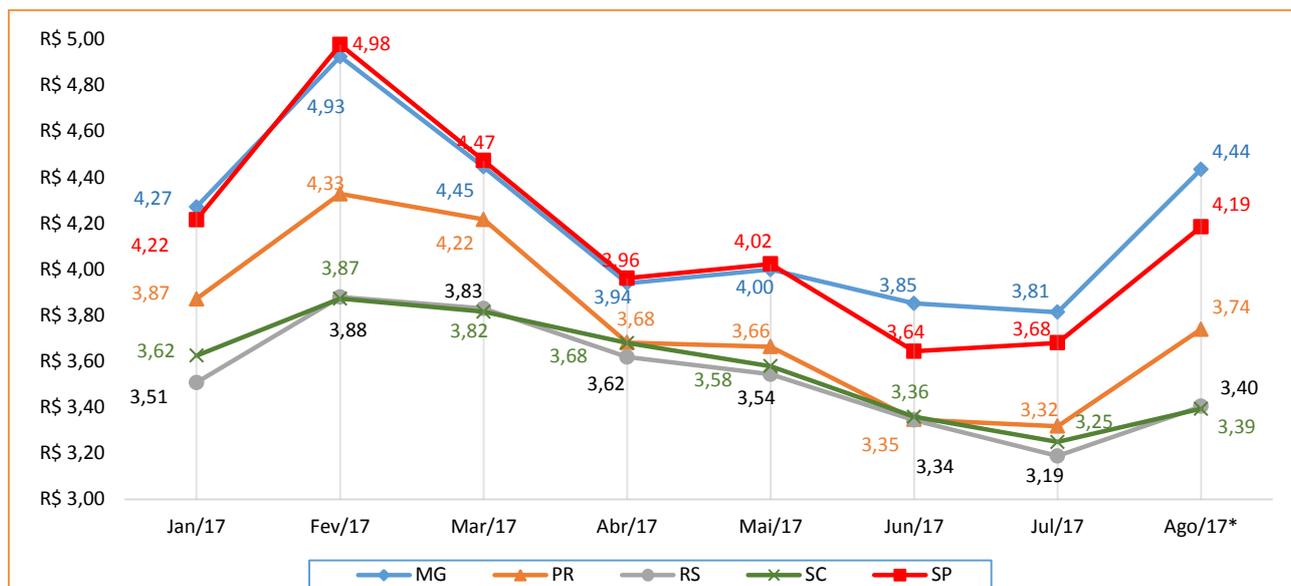
Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

Suíno vivo – Variação do preço pago ao produtor nos principais estados (jul./2017 – ago./2017 [preliminar])

Os cinco estados analisados apresentam variações positivas nos preços médios preliminares de agosto. O maior aumento é registrado em Minas Gerais (16,30%), seguido por São Paulo (13,71%), Paraná (12,72%), Rio Grande do Sul (6,77%) e, por fim, Santa Catarina (4,43%). A variação média nesses estados é de 10,79%.

Essa reação nos preços, que se iniciou ainda no final da primeira semana de julho, mantinha-se consistente até meados de agosto, quando se finalizou a elaboração do presente boletim.

A Figura abaixo apresenta a evolução do preço pago ao produtor pelo quilo do suíno vivo nos cinco estados mencionados anteriormente durante o ano de 2017.



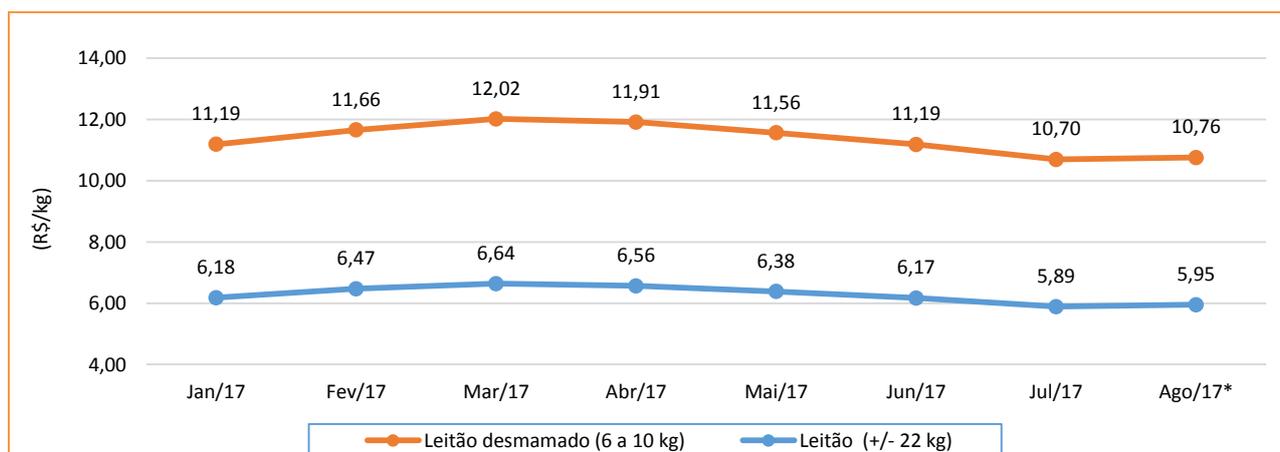
(*) Os valores de agosto são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/ago./2017.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

Suíno vivo – Evolução do preço pago nos principais estados produtores – 2017

Apesar do recente aumento observado em todos os estados, ao comparar os preços atuais com aqueles praticados em agosto de 2016, verifica-se que na maioria as diferenças são pequenas: 1,52% no Paraná, 0,17% no Rio Grande do Sul, 0,10% em Minas Gerais e -1,71% em São Paulo. Somente Santa Catarina apresenta variação um pouco mais expressiva, atingindo 7,16%. A inflação acumulada nos últimos 12 meses, registrada pelo IGP-DI/FGV, foi de -1,42%.

Seguindo o movimento dos preços do suíno vivo, as duas categorias de leitões também registram aumentos, interrompendo uma sequência de quatro meses de quedas. Em comparação a julho, as médias preliminares de agosto demonstram elevação de 0,56% para os leitões de 6 a 10kg e de 0,87% para os leitões de +/-22kg. Na comparação com agosto de 2016, os preços atuais apresentam vantagem de 3,82% e 4,05% para os leitões de 6 a 10kg e de +/-22kg, respectivamente.



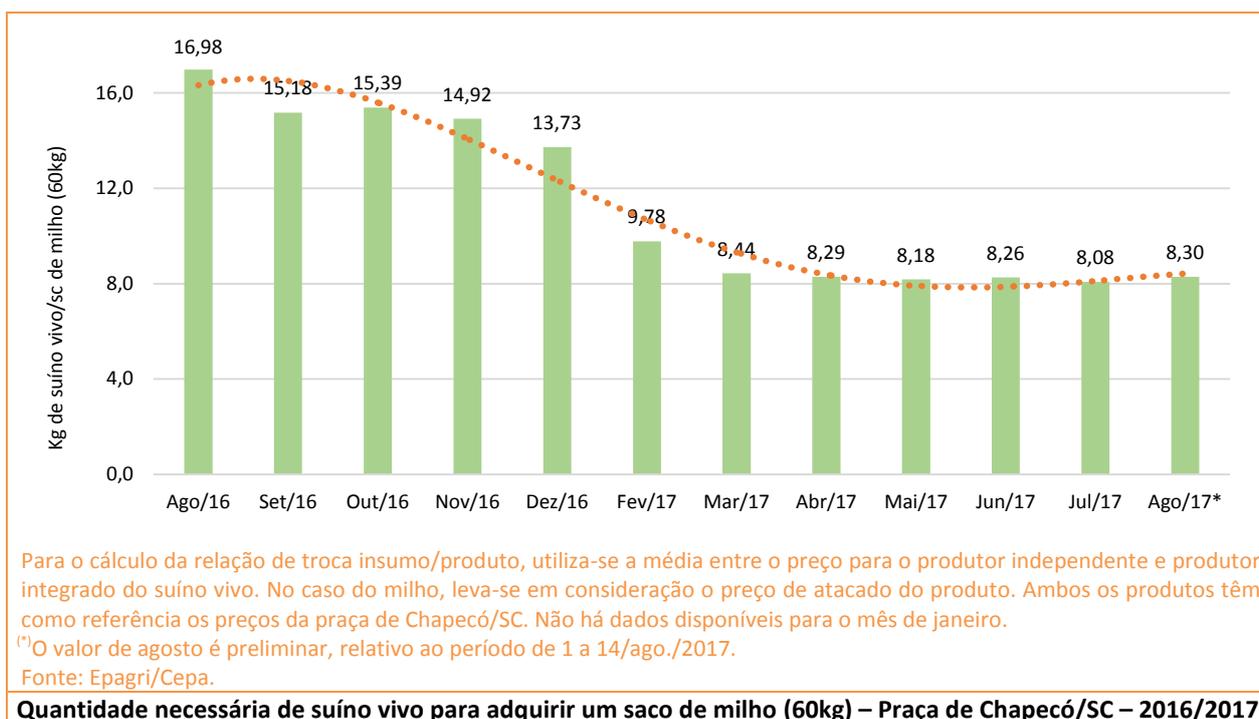
(*) Os valores de agosto são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/ago./2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

Leitão – Preço médio mensal do leitão por categoria em Santa Catarina – 2017

De acordo com a Embrapa Suínos e Aves, o Índice de Custos de Produção de Suínos (ICPSuíno) teve queda de 2,20% em julho, na comparação com o mês anterior. No ano, esse indicador acumula queda de 19,12%, resultante principalmente da redução nos custos com alimentação animal (-18,81% no ano). Nos últimos 12 meses, a variação no ICPSuíno foi de -30,98%.

Assim como já havia acontecido em junho, a relação de troca insumo/produto calculada pela Epagri/Cepa, voltou a apresentar variação positiva em agosto. Contudo, a tendência predominante nos últimos doze meses é de queda nos custos de produção.



O aumento na relação de troca foi causado pela elevação do preço de atacado do milho na praça de Chapecó (2,80%). Embora também se verifique pequena alta nos preços do suíno vivo naquela praça (0,15%, na média entre integrados e independentes), ela não foi suficiente para neutralizar os efeitos do aumento do milho. O preço atual do milho está 48,86% abaixo daquele praticado em agosto de 2016. Já a relação de troca registra variação de -51,14% no mesmo período.

Apesar da oscilação positiva no preço, o último levantamento de safra da Conab mais uma vez apontou elevação da expectativa de colheita. Conforme o 11º Relatório de Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos 2016/17, a produção da 1ª safra na temporada 2016/17 foi de 30,51 milhões de toneladas de milho, aumento de 18,50% em relação à safra anterior. Para a 2ª safra as estimativas indicam a produção de 66,68 milhões de toneladas, aumento de 63,50% (o relatório anterior previa a colheita de 65,63 milhões de toneladas na safrinha). A produção total deve ser de 97,19 milhões de toneladas de milho (46,08% acima do montante colhido na safra anterior).

Já em Santa Catarina, a Epagri/Cepa manteve a expectativa de colheita divulgada em junho, ou seja, 3,14 milhões de toneladas de milho na 1ª safra e 85,6 mil toneladas na 2ª safra, perfazendo uma produção total de 3,23 milhões de toneladas, aumento de 18,45% em relação à safra passada.

No início de agosto, o Usda revisou a produção de milho dos Estados Unidos para 359,5 milhões de toneladas, 6,6% menor do que a colheita anterior. Essa informação ajuda a explicar os recentes aumentos no preço do milho, mesmo com os bons resultados da safra brasileira.

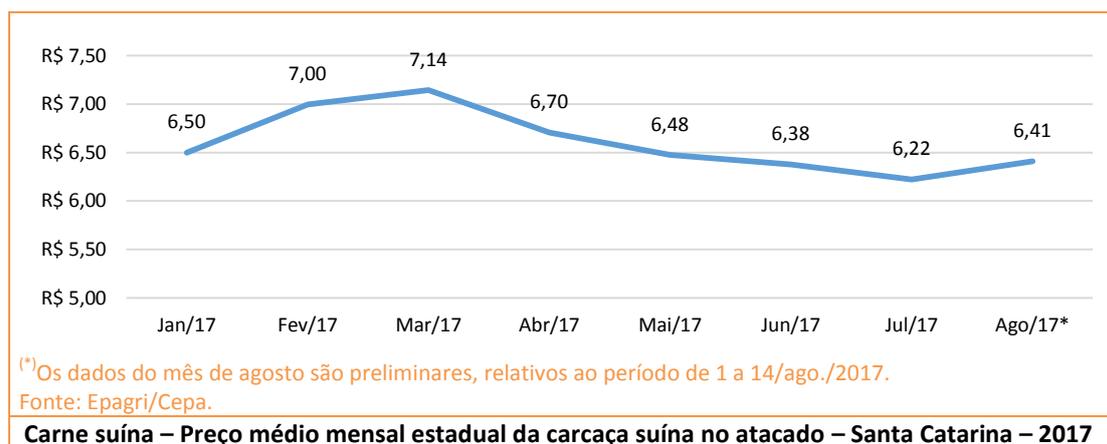
O atacado, que no mês passado apresentou movimentações predominantemente negativas nos preços das carnes suínas, em agosto tem se comportado de forma distinta, de acordo com o corte. Os dados da Epagri/Cepa demonstram quedas nos preços preliminares de agosto em três dos cinco cortes cujo preço de atacado é acompanhado pela instituição: costela (-1,13%), lombo (-0,24%) e pernil (-0,26%). Contudo, as variações mais significativas ocorreram no preço do carré e da carcaça, com aumentos de 3,80% e 3,02%, respectivamente.

Carne suína – Preços médio estadual no atacado – Santa Catarina – 2017			
Produto	Junho/17	Julho/17	Agosto/17*
Carré (sem couro)	R\$ 8,21	R\$ 8,17	R\$ 8,48
Costela (sem couro)	R\$ 13,00	R\$ 12,87	R\$ 12,73
Lombo	R\$ 11,70	R\$ 11,58	R\$ 11,55
Carcaça	R\$ 6,38	R\$ 6,22	R\$ 6,41
Pernil (com osso e sem couro)	R\$ 7,22	R\$ 7,38	R\$ 7,36

(*Os valores de agosto são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/ago./2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

A evolução do preço médio estadual de atacado da carcaça suína de janeiro a agosto é apresentada no gráfico abaixo. Após uma sequência de quedas iniciada em abril, depois da deflagração da Operação Carne Fraca, agosto marca a reversão desse movimento. Essa situação tem mais relação com as restrições de disponibilidade de carne suína no mercado do que com um eventual aumento da demanda.



(*Os dados do mês de agosto são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/ago./2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

Carne suína – Preço médio mensal estadual da carcaça suína no atacado – Santa Catarina – 2017

Desde o início de 2016, um importante fator responsável pelo enxugamento do mercado interno da carne suína tem sido as exportações. A repercussão negativa da Operação Carne Fraca ajudou a interromper esse processo. Ainda assim, os números deste ano são bastante significativos.

De acordo com o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), em julho o Brasil exportou 56,47 mil toneladas de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), que representa queda de 9,90% em relação ao mês anterior e de 4,25% na comparação com julho de 2016. Torna-se necessário fazer algumas ressalvas em relação a esses dados. Primeiramente, 2016 registrou diversos recordes nas quantidades mensais de carne suína embarcada. Além disso, o mês de junho foi responsável pelo maior volume de exportações deste ano, não sendo totalmente inesperada uma queda no mês seguinte, uma vez que o mercado ainda está em recuperação. Aliás, ao se analisar os dados dos meses anteriores, verifica-se que abril e maio registraram quedas bem mais significativas em relação ao ano anterior, com -17,09% e -24,85%, respectivamente.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

Exportações de carne suína – Brasil – 2017

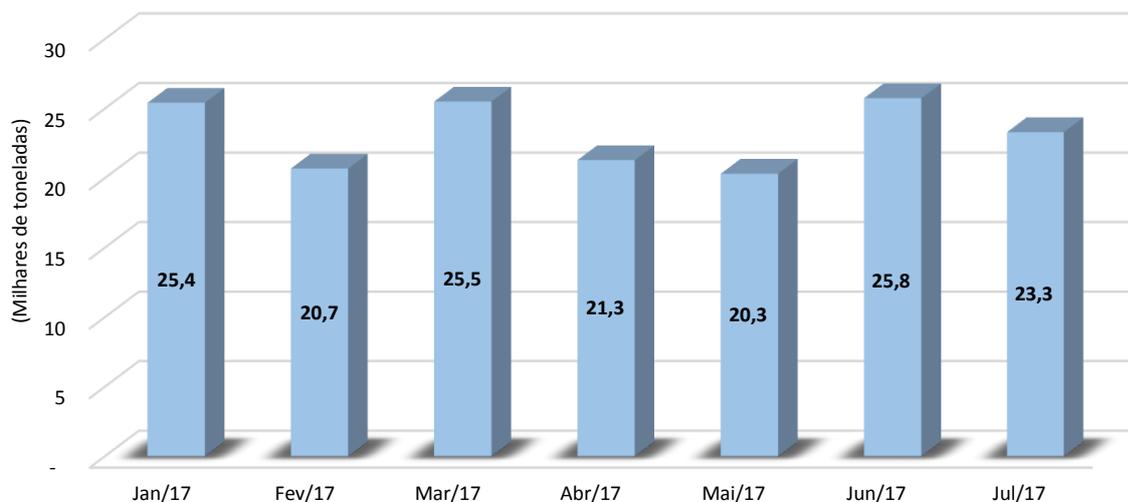
Em junho, as exportações de carne suína geraram US\$134,79 milhões em receitas, queda de 12,76% em relação a junho. Contudo, na comparação com julho do ano passado registra-se um crescimento de 12,11%.

Durante os primeiros sete meses deste ano foram exportadas 393,14 mil toneladas de carne suína, queda de 3,16% em relação ao mesmo período de 2016. Nas receitas, contudo, o resultado é positivo, com aumento de 26,01% no ingresso de divisas no país por meio da carne suína, atingindo-se o montante de US\$942,1 milhões.

Em julho a carne suína brasileira foi exportada para 42 países, com destaque para Rússia, Hong Kong, Uruguai, Cingapura e China, que juntos foram responsáveis por 80,41% das receitas do País com esse produto. Mais uma vez a China reduziu suas importações de carne suína do Brasil, em comparação com o mesmo mês de 2016: 2,98 mil toneladas (-80,79%) e US\$5,92 milhões (-77,36%). Assim como já havia acontecido no mês anterior, em julho também se observou aumento das importações da Rússia (em relação ao mesmo período do ano anterior): 22,39 mil toneladas (aumento de 30,95%) e US\$61,39 milhões (aumento de 76,96%).

Conforme os dados do MDIC referentes às duas primeiras semanas de agosto, a média diária de embarques de carne suína *in natura* aumentou em relação a julho: 26,3% em valor e 30,2% em quantidade. Na comparação com agosto de 2016, os resultados preliminares também são bastante expressivos: aumento de 33,7% em valor e 20,7% em quantidade.

Santa Catarina também registrou variação negativa na exportação de carne suína em julho. Foram exportadas 23,32 mil toneladas, 9,47% a menos que no mês anterior e queda de 6,75% em relação a julho de 2016. As considerações apresentadas alguns parágrafos atrás acerca das exportações do Brasil também se aplicam ao caso catarinense.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

Exportações de carne suína – Santa Catarina – 2017

Quanto às receitas, julho registrou um montante de US\$54,86 milhões, queda de 13,90% em relação a junho, mas aumento de 6,40% na comparação com o ano anterior.

Em julho, a carne suína de Santa Catarina foi exportada para 29 países, sendo que os cinco principais destinos foram Rússia, Hong Kong, China, Chile e Cingapura, que juntos responderam por 80,31% das receitas. Assim como no cenário nacional, em Santa Catarina também se observou redução das exportações para a China: 2,49 mil toneladas (queda de 74,95%) e US\$4,70 milhões (queda de 79,31%). Essa queda foi parcialmente compensada pelo aumento das exportações para a Rússia: 10,04 mil toneladas (aumento de 66,50%) e US\$26,97 milhões (aumento de 122,10%).

Principais destinos das exportações de carne suína – Santa Catarina – Julho de 2017

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Rússia	26.968.519,00	10.042
Hong Kong	6.044.768,00	3.335
China	4.699.711,00	2.495
Chile	4.071.113,00	1.625
Cingapura	2.269.766,00	914
Outros países	10.801.884,00	4.909
Total	54.855.761,00	23.320

Fonte: MDIC/Aliceweb.

As exportações catarinenses de carne suína nos primeiros sete meses atingiram 162,36 mil toneladas, aumento de 5,84% na comparação com igual período do ano anterior. Em termos de receitas, o montante exportado pelo Estado no período foi de US\$385,47 milhões, aumento de 36,06% em relação a 2016.

Leite

Tabajara Marcondes
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Por um bom período dos últimos anos, o mercado brasileiro de alimentos cresceu sensivelmente, com repercussões positivas sobre vários dos segmentos produtivos da agricultura. Mesmo em anos de baixo crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), aspectos como: valorização do salário mínimo, baixas taxas de desemprego, aumento real na renda de grande parte dos assalariados, crescimento da formalização do mercado de trabalho, melhor distribuição da riqueza nacional, boa disponibilidade de crédito para o consumo e para a produção, programas sociais, entre outros, contribuíam decisivamente para manutenção/crescimento do mercado interno de alimentos.

Os lácteos foram fortemente beneficiados por esse quadro e os níveis brasileiros de consumo per capita e geral cresceram significativamente. Com isso, mesmo com o crescimento sistemático da produção nacional e o importante aumento da disponibilidade de leite/habitante/ano, por um bom período, os problemas para a cadeia láctea brasileira foram mais exceção do que regra. O que ajuda a explicar o seu crescimento sistemático, mesmo em momentos de crescimento das importações e decréscimo das exportações. Ou seja, diferentemente de outros segmentos da economia/agricultura brasileira, o crescimento da atividade leiteira é explicado exclusivamente pela expansão do mercado interno.

Brasil – Evolução da disponibilidade de leite por habitante

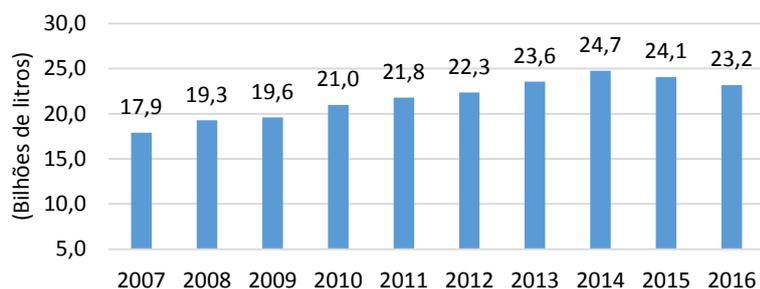
Discriminação	2005	2015	Var. 2000 a 2015 (%)
Leite “industrializado” (bilhão de litro)	16,284	24,062	47,8
População (milhão de pessoas)	185,15	204,45	10,4
Disponibilidade (l/per capita/ano)	88	118	34,1

Fonte: IBGE

Nos anos recentes houve alterações importantes nesse quadro: tanto em 2015 quanto em 2016 pode-se dizer que os momentos mais favoráveis para a cadeia produtiva estiveram mais relacionados com limitações da oferta de leite do que a um quadro favorável da demanda de produtos lácteos. Isso explica, por exemplo, porque nesse mesmo período do ano passado os preços de alguns lácteos e aos produtores atingiram patamares historicamente desconhecidos.

Nesse ano de 2017 isso está ficando ainda mais evidente. Com o agravamento do já adverso quadro econômico brasileiro, especialmente daqueles que afetam mais diretamente o emprego, a renda, o crédito, a confiança, etc., particularmente da população mais fragilizada socioeconomicamente, que foi a que mais respondeu pelo crescimento do mercado de alimento nos anos mais recentes, estava muito evidente que qualquer crescimento de oferta repercutiria negativa e significativamente sobre o mercado de lácteos e, conseqüentemente, sobre os preços aos produtores.

Nos primeiros meses do ano não ficou evidenciado que haveria esse crescimento de oferta. Aqui mesmo nesse Boletim Agropecuário cogitamos a possibilidade de que 2017 poderia repetir 2015 e 2016, quando houve decréscimo na produção recebida pelas indústrias.



Brasil – Quantidade de leite cru adquirido pelas indústrias inspecionadas – 2007-2016

A expectativa de decréscimo da oferta para 2017 se reforçou tanto pelo fato do Cepea divulgar que em janeiro e fevereiro houve menor captação de leite que nos mesmos meses de 2016, quanto pelo fato de em diferentes regiões do País haver importante concorrência entre as indústrias pela compra de leite cru, o que favoreceu a elevação dos preços da matéria-prima.

Passados os primeiros meses, a situação mudou significativamente. A divulgação do ICAP-L/Cepea Brasil⁸ de março/17 superior ao de março/16 evidenciou que a partir de então a oferta de leite tenderia a superar à dos mesmos meses de 2016. Isso se confirmou com percentuais bem expressivos, o que provavelmente se repetiu em julho e tende a ocorrer também nos meses que restam para finalizar 2017.

Índice de captação de leite Cepea (Icap-L/Cepea) – Brasil – 2016-17

Mês	Índice		Variação % 2017/16
	2016	2017	
Janeiro	185,67	181,58	-2,2
Fevereiro	177,17	176,00	-0,7
Março	164,15	170,66	4,0
Abril	158,59	168,79	6,4
Maio	156,01	170,07	9,0
Junho	158,23	181,65	14,8
Janeiro a junho	999,82	1.048,75	4,9
Julho	166,19		
Agosto	176,49		
Setembro	187,50		
Outubro	187,65		
Novembro	188,73		
Dezembro	188,54		

Fonte: Cepea (Base 100 = jun./2004).

Os levantamentos da Epagri/Cepa junto a parte importante das indústrias localizadas na Região Oeste indicam que a produção leiteira estadual tem crescido em patamar superior a esse do ICAP-L/Cepea Brasil. No primeiro semestre, o volume de leite recebido por essas indústrias foi 8% superior ao do mesmo período de 2016, sendo que os crescimentos mais significativos ocorreram nos meses de maio e junho. Embora nos meses de junho/julho a falta de chuvas tenha prejudicado o desenvolvimento das pastagens das diversas regiões do Estado, as informações preliminares são de que em julho o crescimento foi superior ao de junho, o que reforça a perspectiva de a produção estadual de 2017 ficar bem acima da de 2016.

⁸ Esse índice é baseado em amostragem e objetiva registrar as variações nos volumes diários captados no RS, PR, SP, MG, GO, BA e SC. A média nacional é calculada conforme o peso mensal de cada estado quanto ao volume produzido, conforme informações do IBGE. Segundo a Pesquisa Trimestral do Leite/IBGE esses estados representam cerca de 85% da quantidade de leite cru recebido pelas indústrias inspecionadas do Brasil.

Leite – Quantidade recebida por parte das indústrias do Oeste Catarinense – 2015-17

Mês/ano	Milhões de litros			Variação %	
	2015	2016	2017	2016/2015	2017/2016
Janeiro	121,7	113,2	121,7	-7,0	7,5
Fevereiro	97,5	100,0	103,5	2,6	3,5
Março	101,7	103,4	107,5	1,7	4,0
Abril	92,3	93,0	98,6	0,8	6,0
Maiο	101,2	96,4	105,3	-4,7	9,2
Junho	109,4	101,8	119,6	-6,9	17,5
Janeiro a junho	623,8	607,8	656,2	-2,6	8,0
Julho	117,8	121,3		3,0	
Agosto	129,0	136,6		5,9	
Setembro	129,2	139,7		8,1	
Outubro	126,0	131,2		4,1	
Novembro	118,5	119,6		0,9	
Dezembro	120,1	123,2		2,6	
Total	1.364,4	1.379,4		1,1	

Fonte: Epagri/Cepa.

O aumento da oferta interna combinado com a fraca demanda já havia repercutido negativamente sobre os preços aos produtores, o que se acentuou ainda mais em julho e neste mês de agosto. No caso do Conseeite/SC, até maio os preços de referência sempre superavam os dos mesmos meses de 2016. Isso se reverteu em junho, se acentuou em julho e deve se repetir agora em agosto (a reunião do Conseeite/SC será no dia 17/8, após o fechamento desse Boletim Agropecuário), quando fecharão o preço de julho e projetarão o de agosto (que serve de referência para o pagamento a ser feito pelas indústrias em setembro).

Leite padrão – Preços de referência do Conseeite de Santa Catarina – 2015-17

Mês	R\$/litro na propriedade com Funrural incluso			Variação %	
	2015	2016	2017	2016/15	2017/16
Janeiro	0,7744	0,9546	1,0783	23,3	13,0
Fevereiro	0,7866	1,0154	1,1096	29,1	9,3
Março	0,8614	1,0652	1,1412	23,7	7,1
Abril	0,8843	1,1166	1,1693	26,3	4,7
Maiο	0,8875	1,1430	1,1733	28,8	2,7
Junho	0,9347	1,3363	1,1394	43,0	-14,7
Julho	0,9278	1,5500	1,0753 ⁽¹⁾	67,1	-30,6
Agosto	0,9131	1,3248		45,1	
Setembro	0,8978	1,1051		23,1	
Outubro	0,9024	1,0461		15,9	
Novembro	0,9308	0,9993		7,4	
Dezembro	0,9387	1,0333		10,1	
Média	0,8866	1,1408		28,7	

⁽¹⁾Valor projetado.

Fonte: Conseeite/SC.

O quadro de queda fica bem caracterizado nos preços levantados pela Epagri/Cepa, que refletem o preço efetivamente pago pelas indústrias. O preço médio de agosto/2017 foi 26,3% menor que o do mesmo mês de 2016 e 17 centavos abaixo dos valores recebidos em maio e junho. É praticamente certa uma nova baixa para setembro, possivelmente significativa novamente.

Leite – Preço médio mais comum aos produtores catarinenses, no período de pagamento – 2015-17

Mês	R\$/l posto na propriedade			Var. (%)	
	2015	2016	2017	2016/15	2017/16
Janeiro	0,75	0,91	1,10	21,3	20,9
Fevereiro	0,73	0,95	1,20	30,1	26,7
Março	0,76	1,02	1,25	34,2	22,2
Abril	0,80	1,07	1,28	33,8	19,3
Maiο	0,87	1,11	1,29	27,6	16,2
Junho	0,89	1,19	1,29	33,7	8,6
Julho	0,91	1,29	1,24	41,8	-4,2
Agosto	0,93	1,52	1,12	63,4	-26,3
Setembro	0,92	1,41		53,3	
Outubro	0,90	1,24		37,8	
Novembro	0,87	1,10		26,4	
Dezembro	0,89	1,08		21,3	
Média anual	0,85	1,16		36,5	

Fonte: Epagri/Cepa.